****

**FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA 2020**

****

**Ritos iniciais**

**Procissão e cântico de entrada**

**Saudação inicial**

**Monição inicial**

P.Neste domingo, dentro da Oitava do Natal, celebramos a *Festa da Sagrada Família, de Jesus, Maria e José*. Jesus nasce numa família modesta e, em toda a sua vida pública, Jesus entra e é de casa, na vida das famílias. Ele estará próximo das famílias em crise, em tribulação ou de luto. A sua família de Nazaré alargar-se-á até formar a grande família de quantos fazem a vontade do Pai: “*esses –* dirá Jesus *– são minha mãe e meus irmãos*” (*Mt* 12,48; *Mc* 3,34-35).

Neste ano pastoral, [na nossa Diocese do Porto,] propomo-nos viver segundo este propósito: *Todos família. Todos irmãos*. E, no seguimento desse objetivo, vivemos a preparação e a celebração do Natal sob o lema: *Todos irmãos. Todos de casa*.

A Casa da família, onde todos se sentem *de casa*, continua a ser, para a sociedade, para a Igreja, para o mundo, a célula primeira e a experiência-modelo de hospitalidade para toda a família humana. Na verdade, “*a nossa sociedade ganha quando cada pessoa, cada grupo social se sente –* como em família – *verdadeiramente de casa*” (FT 230)!

Por isso, a palavra-chave, para esta Festa e nestes dias, é esta: *Hospitalidade*.

**Gesto simbólico (em torno da Estrela de dez pontas)**

Uma imagem com seta

Descrição gerada automaticamente

*Sobre o altar, sobre o presépio ou noutro lugar da igreja, pende uma Estrela de 10 pontas. Em cada domingo, festa ou solenidade, colocamos uma das 10 palavras-chave. A palavra-chave de cada celebração pode já estar afixada ou pode afixar-se enquanto se faz a monição. Este gesto pode ser feito depois da monição inicial ou no final da Homilia.*

# Leitor / Monitor: Nesta Festa da Sagrada Família, colocamos, na Estrela da Fraternidade, a palavra ***HOSPITALIDADE***. A família é “*o lugar do acolhimento da vida, que chega como um presente de Deus*” (AL 166). É o lugar do acolhimento do esposo e da esposa, na sua diversidade; do acolhimento dos filhos, com a sua originalidade; do acolhimento dos idosos, na sua sabedoria e fragilidade. Esta hospitalidade alarga-se aos pais, aos sogros, aos tios, aos primos e até vizinhos (cf. AL 187; 198). A família alargada é chamada a acolher, com muito amor, as mães solteiras, as crianças sem pais, as mulheres abandonadas na sua missão, as pessoas com deficiência, os jovens que lutam contra alguma dependência, as pessoas solteiras, separadas; as viúvas que vivem na solidão e até os filhos mais desastrados nos comportamentos da sua vida (cf. AL 197). A hospitalidade alarga-se ainda mais quando a família acolhe e sai ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e abandonados. Receber o outro em casa, recebê-lo como alguém de casa, é receber Jesus, como Simeão e Ana, de braços abertos.

*Enquanto se coloca a palavra HOSPITALIDADE no 7.º losango da Estrela da Fraternidade, pode entoar-se esta antífona ou retomar o refrão do cântico de entrada.*

Antífona: *Ó Estrela do Oriente, uma grande luz resplandece sobre nós. Nasceu o Salvador! Aleluia! Deus connosco, és de casa, para sempre. Faz-nos todos irmãos, no Teu Amor. Aleluia. Aleluia!*

**

***Kyrie* | Ato Penitencial** (cf. Fratelli tutti, n.º 89)

P. Pelas vezes em que as nossas famílias não foram lugares de acolhimento, capazes de abrir o coração em redor, de sair de si mesmas para acolher a todos, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Pelas vezes em que as nossas famílias se isolam no seu egoísmo, em grupos fechados, a ponto de cavar um muro de separação entre «nós» e «os outros» (cf. FT 27), Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Pelas vezes em que as nossas relações familiares são dominadas por um intimismo egoísta, sob a aparência de uma relação intensa, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória**

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

Nota: O Lecionário Dominical do Ano B apresenta leituras facultativas para este ciclo (1.ª: *Gn* 15,1-6;21,1-3; *Sl* 104/105; 2.ª: *Heb* 11,8.11-12-17-19), para além do Evangelho próprio deste Ciclo (*Lc* 2,22-40), nas formas longa e breve. Quanto a nós, optaremos, na 1.ª e 2.ª leituras, pelos textos previstos para o ano A e comuns aos outros ciclos.

* 1.ª Leitura: *Sir* 3,3-7-14-17
* Salmo: *Sl* 127 (128)
* 2.ª Leitura *Cl* 3,12-21 [[1]](#footnote-1)
* Aclamação: *Cl* 3,15a.16a
* Evangelho: *Lc* 2,22-40 (forma longa)
* Homilia: Hospitalidade

**Homilia na Festa da Sagrada Família B 2020**

1. No Templo de Jerusalém, há dois anciãos hospitaleiros. Simeão recebe o Menino em seus braços, acolhe com encanto a maravilha daquela Vida que estava junto do Pai e agora Se manifesta ao mundo. Simeão bendiz a Deus e entoa um cântico de feliz despedida, próprio de quem parte ao encontro do Senhor, confiante de que será bem recebido em seus braços. Ana, viúva, uma profetisa de idade avançada, louva a Deus e fala a todos daquele Menino, no qual toma corpo, em carne viva, toda a esperança de Israel. Estes anciãos ensinam-nos o que é acolher Jesus, como alguém de casa, e são nosso modelo de hospitalidade.

2. Que significa, na prática, esta hospitalidade, na família, na Igreja e no mundo?

2.1. **Na família**, somos chamados a acolher Jesus, deixando que o Hóspede Se torne o Anfitrião, a tal ponto que Jesus Se torne Alguém de casa, uma presença familiar, habitual, permanente. Acolher Jesus significa deixar que a sua Paz reine em nossos corações, cultivando sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade e de paciência. Se deixarmos habitar em nós, com abundância, a Palavra de Cristo, se o louvor se tornar a música de fundo da nossa casa, se formos capazes de escutar juntos a Palavra de Deus, então, a família tornar-se-á uma Igreja doméstica, onde todos se acolhem e todos se submetem uns aos outros, no amor de Cristo, isto é, onde todos, por amor, se colocam ao serviço uns dos outros. Numa família assim, a Casa não se torna um *casulo*, mas uma Casa Comum, de modo que ali já ninguém é estranho, ou de fora, pois são *todos irmãos, todos de casa*.

**2.2. Na Igreja**, somos chamados a cultivar a mesma hospitalidade. Uma das bênçãos maiores das celebrações, em tempo de pandemia, foi obrigar-nos a criar equipas de acolhimento.Tivemos de aprender a acolher e a deixarmo-nos acolher, de modo que, na Igreja, se sintam *todos* *irmãos, todos de casa*.Como Simeão, sejamos capazes de abrir os braços e de bendizer a Deus, por quem chega até nós, mesmo se chega tarde e a más horas, mesmo se vem movido pela necessidade ou interesse, mesmo se é um desastrado no caminho da vida ou da fé. Edifiquemos uma paróquia acolhedora, capaz de encontrar lugar para “*mais um*”. Não nos tornemos pessoas rígidas, de nariz empinado, a marcar território, coladas ao lugar, como se fôssemos donos da casa.Tornemo-nos um lugar onde os outros, a começar pelos mais pobres e frágeis, se possam encontrar e sentir *todos irmãos, todos de casa*.

2.3. Também **o nosso mundo**, onde uma única família humana habita a Casa Comum, precisa de reaprender o dever sagrado da hospitalidade, para derrubar barreiras de autodefesa, destruir muros que separam, de um lado, «o meu mund0», onde estamos «nós», e de outro lado, «o outro mundo», onde estão «os outros». Digamos não ao isolamento e sim à proximidade, não ao confronto e sim ao encontro (cf. FT 30), não à exclusão e sim ao acolhimento, não ao descarte e sim à proteção, não à indiferença e sim à promoção, não à marginalização e sim à integração (cf. FT 129). Saibamos acolher o estrangeiro, com os seus dons e com os nossos dons (FT 133), mesmo que não traga, de imediato, benefícios palpáveis (FT 139), para que os filhos de Deus, em qualquer lugar deste mundo, se sintam *todos irmãos, todos de casa.*

3. Irmãos e irmãs: “*a nossa sociedade ganha quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente de casa. Numa família, os pais, os avós, os filhos são de casa; ninguém fica excluído. Se alguém tem uma dificuldade, mesmo grave, ainda que seja por culpa dele, os outros correm em sua ajuda, apoiam-no; a sua dor é de todos. (…) Nas famílias, todos contribuem para o projeto comum, todos trabalham para o bem comum, mas sem anular o indivíduo; pelo contrário, sustentam-no, promovem-no. Podem brigar entre si, mas há algo que não se move: este laço familiar. As alegrias e as dores de cada um são assumidas por todos. Isto, sim, é ser família! Oh, se pudéssemos conseguir ver o adversário político ou o vizinho de casa com os mesmos olhos com que vemos os filhos, esposas, maridos, pais ou mães, como seria bom*” (FT 230)!

Este é sonho de Deus: uma única família humana, *todos irmãos, todos de casa.*

**Preces**

P. “Jesus, Maria e José, em Vós contemplamos o esplendor do verdadeiro amor, confiantes, a Vós nos consagramos” (AL 325) e confiamos as nossas preces, invocando:

R. **Deus connosco, és de casa para sempre. Faz-nos todos irmãos no Teu Amor.**



1. Porque a Igreja deve ser uma Casa de portas abertas, a Casa paterna onde há lugar para todos com a sua vida fatigante (EG 46-47), mas fazemos dela uma alfândega, agindo como controladores da graça, invoquemos. R.
2. Porque somos desafiados a pensar e a gerar um mundo aberto, que pertence a todos (FT 125), integre a todos, a começar pelos últimos, mas erguemos barreiras, muros e fronteiras, e vivemos como ilhas (FT 87), invoquemos. R.
3. Porque somos chamados a um amor universal, que acolhe, protege, promove e integra a todos (FT 129), mas criámos um mundo de sócios, onde se procuram defender interesses próprios de pequenos grupos, invoquemos. R.
4. Porque somos chamados a fazer da família uma pequena Igreja e da Igreja uma grande família, mas muitas vezes não temos lugar para Cristo em nossa Casa nem damos lugar aos outros na comunidade paroquial, invoquemos. R.

Nota: *concluir com a Oração à Sagrada Família (AL 325) ou apenas com a invocação final da mesma Oração:*

P. [“Sagrada Família de Nazaré, tornai também as nossas famílias  
lugares de comunhão e cenáculos de oração,  
autênticas escolas do Evangelho e pequenas igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré,

que nunca mais haja nas famílias  
episódios de violência, de fechamento e divisão;  
e quem tiver sido ferido ou escandalizado  
seja rapidamente consolado e curado.

Sagrada Família de Nazaré,  
fazei que todos nos tornemos conscientes  
do caráter sagrado e inviolável da família,  
da sua beleza no projeto de Deus.]

[P.] Jesus, Maria e José,  
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica” (AL 325).  
para assim nos tornarmos todos irmãos, todos de casa,

porque filhos no Filho, que é Deus com o Pai,

na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório**

**Prefácio do Natal III** (cantado) **| Santo** (cantado) **| Oração Eucarística II**

**Aclamação cantada:** *Mistério admirável da nossa fé!*

R. *Quando comemos deste Pão e bebemos deste Cálice anunciamos, Senhor, a Vossa morte, esperando a Vossa vinda gloriosa!*

**NO *MEMENTO* DOS VIVOS**

*Depois das palavras “que estão ao serviço do vosso povo” (O.E. II), dizer: «Lembrai-Vos, Senhor»…*

1. Dos que não têm família e vivem na solidão, no isolamento, no escondimento.
2. Das pessoas não casadas, mas dedicadas à família, à Igreja ou à sociedade.
3. Das famílias sem terra, sem teto, sem trabalho, sem esperança.
4. Das famílias migrantes, refugiadas e perseguidas por causa da fé.
5. Das famílias feridas pela violência, pela divisão ou pelo luto.
6. Das famílias frágeis, com filhos doentes, deficientes ou diferentes.
7. Das famílias destruídas pela perseguição, pela violência e pela guerra.
8. Dos idosos, testemunhas da sabedoria, nem sempre acolhidos.
9. Dos pais, que se sentem perdidos ou excluídos, na educação dos filhos.
10. Dos esposos cristãos, que são testemunhas felizes do Vosso amor.
11. Dos casais separados, sem solução, ou ainda em processo de reconciliação.
12. Dos recasados, seduzidos por uma nova oportunidade de felicidade.
13. Dos casados civilmente, que não descobriram o Matrimónio como vocação.
14. Dos casais em crise, que lutam por salvar o casamento e a família.
15. Dos namorados e noivos, disponíveis a aprender e a crescer no Vosso amor.
16. Das crianças desejadas e das crianças rejeitadas.
17. Das crianças órfãs e das crianças vítimas de abusos.
18. Dos adolescentes, em busca da sua vocação e missão.
19. Dos jovens, atraídos pelas coisas de Deus, ou destruídos pelo vazio.
20. Da nossa própria família, de origem e de sangue.
21. E lembrai-Vos desta Vossa “família de famílias”, que é a nossa Paróquia…

**Doxologia cantada:** *Por Cristo, com Cristo, em Cristo…* R. *Ámen! Ámen! Ámen!*

**Ritos da Comunhão**

**Ritos Finais**

**Recomendações depois dos avisos e antes da despedida** *(cf. folha plastificada)*

**Bênção**

Diácono: Inclinai-vos para receber a bênção.

P. Nós Vos bendizemos, Senhor, que na Vossa infinita misericórdia quisestes que o Vosso Filho, feito homem, fizesse parte duma família humana, crescendo no ambiente da intimidade doméstica e conhecendo as suas preocupações e alegrias. Humildemente Vos pedimos, Senhor: guardai e protegei estas famílias, para que, fortalecidas pela Vossa graça, gozem de prosperidade, vivam na concórdia e, como igreja doméstica, sejam no mundo testemunhas do Vosso amor. Por Nosso Senhor. R. Ámen.

**Despedida**

**Oração para a bênção da mesa | Festa da Sagrada Família**

Guia: Bendito sejas, ó Pai, porque nos reúnes na alegria do Espírito Santo e sacias esta família com os dons do teu amor. Alimenta também o nosso coração, para sabermos acolher e amar quem bate à nossa porta. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.



**Paróquia de Nossa Senhora da Hora**

**Festa da Sagrada Família 2020**

**HOMILIAS**

**SAGRADA FAMÍLIA**

**1992-2019**

|  |  |
| --- | --- |
| **2019** | **Matrimónio, caminho de santidade** |
| **2018** | **Os jovens são o agora de Deus** |
| **2017** | **Uma família pobre de meios, mas rica no amor** |
| **2016** | ***(não houve domingo entre Natal e Ano novo)*** |
| **2015** | **Família, Casa de Misericórdia** |
| **2014** | **Uma casa para a alegria do Evangelho** |
| **2013** | **A família, uma felicidade controversa**  **– Novas Bem-aventuranças da família** |
| **2012** | **O caminho da fé em família** |
| **2011** | ***(não houve domingo entre Natal e Ano novo)*** |
| **2010** | **A Família e os desafios da presente crise económica e social** |
| **2009** | **Família, escola de gratuidade e casa de gratidão** |
| **2008** | **Famílias,**  **protagonistas de primeira linha, na nova evangelização** |
| **2007** | **Contar a história do natal e da família** |
| **2006** | **Pais aflitos. Relação pais-filhos** |
| ***2005*** | ***(não houve domingo entre Natal e Ano novo)*** |
| **2004** | **Família e Eucaristia** |
| **2003** | **A procura de Deus une a família** |
| **2002** | **Família e Educação da Fé (Oração)** |
| **2001** | **Crianças em risco** |
| **2000** | **Adolescência e vigilância** |
| **1999** | **Os anciãos fazem parte do presépio** |
| **1998** | **A figura do Pai** |
| **1997** | **Família humana e família cristã** |
| ***1996*** | ***?*** |
| **1995** | **Ampara a velhice do teu pai** |
| ***1994*** | ***(não houve domingo entre Natal e Ano novo)*** |
| **1993** | **Às portas do Ano Internacional da Família** |
| **1992** | **A encarnação na família e uma família encarnada** |

**Homilia na Festa da Sagrada Família A 2019**

1. **“***Como eleitos de Deus, santos e prediletos”* (*Cl* 3,12)! Três palavras, que definem a graça do cristão, a partir do seu Batismo, como aliás definem, em primeiro lugar, o próprio Cristo, batizado no Jordão: *é Ele o Eleito, o Santo de Deus, o Filho muito amado do Pai*! E nós, que neste Natal e pelo Batismo, nascemos com Ele, com Ele morremos e com Ele ressuscitámos para uma vida nova, somos os *eleitos de Deus, santos e prediletos*. E, a partir desta tríplice graça batismal, São Paulo deduz um conjunto de exortações, que vão diretas à família, à relação entre os esposos, entre pais e filhos, que têm um modelo único: Jesus Cristo. E, por isso, a própria “*submissão*” entre marido e esposa, entre pais e filhos, é serviço e não servidão, «*como convém no Senhor*» (cf. AL 156).

2. Este ano, gostaria de focar especialmente a nossa atenção sobre o matrimónio cristão, como caminho de santidade. E deixo, para os 12 meses do ano, 12 caminhos para a vocação à santidade, específica dos esposos:

1. Os esposos crescem juntos na santidade! E não um para cada lado. *“A santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois. Há muitos casais santos, onde cada cônjuge foi um instrumento para a santificação do outro”* (GE 141).
2. O Chefe de família não é o esposo nem a esposa! É Cristo. Que seja Cristo, a sua Palavra, o seu Amor, a reinar lá em casa. Nunca os esposos se devem deitar sem rezar, sem fazer as pazes, sem prestar contas ao “*Chefe*” da casa!
3. Marido e esposa devem amar-se como Cristo amou a Igreja. Mas nada de ilusões (cf. AL 73): não esperar, nem exigir de um ser humano a perfeição própria de um ser divino! Só Cristo é o Amor perfeito. Devem os esposos aprender a desiludir-se do outro (cf. AL 320), a aceitar a pobreza e a fragilidade, os defeitos, as falhas, os erros e as omissões do outro. Quando um dos dois não merece ser amado, é então esse que mais precisa de ser perdoado!
4. Os esposos devem perseverar com paciência no bem, mantendo-se ao lado um do outro, mesmo se isso já não proporciona qualquer satisfação imediata. Para quem ama, conta mais a necessidade do outro que o prazer individual.
5. Não guardar *pedras no sapato*, mas lutar por que nenhum ressentimento ganhe raízes no coração, tornando-se uma pessoa azeda, amarga, maldisposta, desconsolada. Uma pessoa infeliz desgraça a outra!
6. Ter mais tempo para ouvir do que pressa em falar, mais vontade em consolar do que ímpeto para corrigir. Há que não gastar energias a lamentar-se dos erros do outro, ou a tentar corrigi-los. Grande sinal de santidade é saber rir-se sozinho e guardar silêncio sobre os defeitos do outro… diante dos outros.
7. Evitar absolutamente a violência física ou verbal, que mata e maltrata. Cada um é *do* outro e *dom* para o outro e jamais *dono* ou *escravo* do outro.
8. Não falar bem de si mesmo, para deixar o outro na sombra! É preferível louvar e engrandecer o outro, do que pôr-se em bicos de pés. De saltos altos, cai-se mais facilmente.
9. Escolher, em casa, as tarefas mais difíceis e as menos vistosas, servindo sem se queixar e sem ser necessário que o outro reclame colaboração.
10. Viver com alegria e humor, capaz de se rejubilar com o sucesso do outro. Quem se concentra nos seus direitos, condena-se a viver com pouca alegria!
11. Vencer a habituação, a rotina, o cansaço, com ousadia, criatividade e ardor. O amor é capaz de agradar e surpreender todos os dias.
12. Valorizar os pequenos detalhes, os pequenos gestos de amor (cf. GE 16), de partilha, doação, abnegação, oração, pelo qual cada um mostra cuidar especialmente do outro, sem nunca esquecer as três palavras fundamentais da vida conjugal e familiar: *«obrigado, desculpa e por favor*» (AL 133; 266).

3. Aos que não são casados, *obrigado* pela paciência, peço *desculpa* pela falta de atenção e, *por favor*, apliquem esta dúzia de palavras à relação com o vosso próximo mais próximo. E vereis que ficará tudo em família!

**HOMILIA NA FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA 2018 |** FÓRMULA MAIS BREVE

1. Natal não é apenas a festa de um nascimento. Celebra também as crises do crescimento, no seio de uma família, com as suas inevitáveis incompreensões, fadigas e conflitos, desencontros e diferenças de visão. E a humaníssima Sagrada Família de Nazaré não é exceção. Ouvimos bem o que Jesus fizera: em vez de voltar para casa com os Seus pais, ficou em Jerusalém, no Templo, a conversar com os doutores da lei, causando uma grande aflição a Maria e a José, que não O encontravam. Por esta «escapadela», imagino que Jesus teve que pedir desculpa a Seus pais. Certo é que, no regresso a casa, Jesus uniu-Se estreitamente a eles e «era-lhes submisso» (*Lc* 2,51), num verdadeiro amor filial.

2. Todavia, este Jesus, obediente aos pais, começa a distanciar-Se deles para Se ocupar das coisas do Pai. Jesus demarca-Se, pouco a pouco, das expectativas naturais da Sua família humana, quando responde a Seus pais: “*Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai*”? Nesta cena da procura e do encontro, começa já a desenhar-se o projeto de vida de Jesus, a Sua vocação filial, a Sua missão redentora no mundo, que caberá aos pais acolher, acompanhar, discernir e jamais condicionar, dirigir ou decidir pelo Filho. Maria e José aprendem a aprender do Filho, a escutá-l’O sem compreender tudo, a acompanhá-l’O, deixando-O crescer e seguir o Seu próprio caminho, em plena liberdade e autonomia, mas nunca na solidão ou abandono!

3. De Maria e José, aprenderão os pais de hoje a estar perto dos filhos no seu crescimento. Os mais jovens, no seu caminho de amadurecimento, mesmo se contestam os pais, precisam deles, precisam de educadores coerentes, de referências para as suas vidas, precisam da autoridade do seu testemunho. E a autoridade dos pais significa, literalmente, a capacidade para fazerem os filhos crescer (cf. Sínodo 2018, *Documento final*, n.º 71). Para os pais, “estar presentes não significa serem controladores, porque desse modo anulam os filhos e não os deixam crescer” (Papa Francisco, *Audiência Geral*, 4.2.2015). Na verdade, a grande questão nem é tanto onde está fisicamente o filho, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida (cf. AL 261). Pergunto aos pais: «Procurais compreender “onde” estão verdadeiramente os vossos filhos no seu caminho? Sabeis onde estão realmente a sua alma, o seu coração?» (cf. AL 261). Preocupais-vos apenas com o seu êxito escolar e o seu prestígio social e profissional? Ou educais os vossos filhos para viver a vida como dom e vocação, como risco e missão?

4. Irmãos e irmãs, permitam-me deixar-vos hoje dois desafios:

4.1. Queridos pais e demais educadores: temos um enorme défice de escuta em relação aos jovens. Aprendamos a ouvi-los, sem a pressa em cortar ou encurtar as suas perguntas, sem a obsessão por encontrar rapidamente as respostas. Talvez seja só necessário conversar mais e melhor. Aprendamos a conjugar estes verbos, na relação com os jovens: escutar e acompanhar, para caminhar juntamente com eles, a fim de que eles mesmos encontrem e decidam o seu próprio caminho.

4.2. Queridos jovens e avós: abandonemos este preconceito mútuo, esta estranheza recíproca, que leva os mais velhos a dar como perdidos os mais novos e os mais novos a rotular os mais velhos como um produto fora do prazo de validade. Saibamos ouvir-nos reciprocamente. Façamos uma aliança de gerações, de modo a projetar os jovens para a frente, sem cortar as suas raízes. Com os jovens podemos ir mais depressa. Mas com os idosos iremos mais longe.

Jovens: “*Vós sois o presente. Sede o futuro mais brilhante*” (Carta dos Padres Sinodais aos jovens, 28.10.2018)!

**HOMILIA NA FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA 2018**

FÓRMULA MAIS LONGA | DIOCESE DO PORTO

1. Natal não é apenas a festa de um nascimento. Celebra também as crises do crescimento, no seio de uma família, com as suas inevitáveis incompreensões, fadigas e conflitos, desencontros e diferenças de visão. E a humaníssima Sagrada Família de Nazaré não é exceção. Ouvimos bem o que Jesus fizera: em vez de voltar para casa com os Seus pais, ficou em Jerusalém, no Templo, a conversar com os doutores da lei, causando uma grande aflição a Maria e a José, que não O encontravam. Por esta «escapadela», imagino que Jesus teve que pedir desculpa a Seus pais. Certo é que, no regresso a casa, Jesus uniu-Se estreitamente a eles e «era-lhes submisso» (*Lc* 2,51), num verdadeiro amor filial.

2. Todavia, este Jesus, obediente aos pais, começa a distanciar-Se deles para Se ocupar das coisas do Pai. Jesus demarca-Se, pouco a pouco, das expectativas naturais da Sua família humana, quando responde a Seus pais: “*Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai*” (*Lc* 2,49)? Nesta cena da procura e do encontro, começa já a desenhar-se o projeto de vida de Jesus, a Sua vocação filial, a Sua missão redentora no mundo, que caberá aos pais acolher, acompanhar, discernir e jamais condicionar, dirigir ou decidir pelo Filho. Maria e José aprendem a aprender do Filho, a escutá-l’O sem compreender tudo, a acompanhá-l’O, deixando-O crescer e seguir o Seu próprio caminho, em plena liberdade e autonomia, mas nunca na solidão ou abandono!

3. De Maria e José, aprenderão os pais de hoje a estar perto dos filhos no seu crescimento. Os mais jovens, no seu caminho de amadurecimento, mesmo se contestam os pais, precisam deles, precisam de educadores coerentes, de referências para as suas vidas, precisam da autoridade do seu testemunho. E a autoridade dos pais significa, literalmente, a capacidade para fazerem os filhos crescer (cf. Sínodo 2018, *Documento final*, n.º 71). Para os pais, “estar presentes não significa serem controladores, porque desse modo anulam os filhos e não os deixam crescer” (Papa Francisco, *Audiência Geral*, 4.2.2015). Na verdade, a grande questão nem é tanto onde está fisicamente o filho, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida (cf. AL 261). Pergunto aos pais: «Procurais compreender “onde” estão verdadeiramente os vossos filhos no seu caminho? Sabeis onde estão realmente a sua alma, o seu coração? Quereis mesmo sabê-lo?» (cf. AL 261). Preocupais-vos apenas com o seu êxito escolar e o seu prestígio social e profissional? Ou educais os vossos filhos, para viver a vida como dom e vocação, como risco e missão? A estrada da felicidade, para os jovens, não se encontra tanto na resposta à pergunta “Quem sou eu?”, mas sobretudo na descoberta do sentido da vida, isto é, na resposta à pergunta “Para quem sou eu?” (cf. Sínodo 2018, *Documento final*, n.º 69).

4. Irmãos e irmãs: realizou-se em Roma, em outubro passado, o Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Entre os dias 22 e 27 de janeiro próximo, realizar-se-á, no Panamá, a Jornada Mundial da Juventude, acompanhada, na nossa Diocese, no Pavilhão Multiusos, em Gondomar, pela iniciativa “Panamá in Douro”, nos dias 26 e 27 de janeiro.

5. Neste contexto, permitam-me desafiar-vos em três direções:

5.1. Queridos pais e demais educadores: temos um enorme défice de escuta em relação aos jovens. Aprendamos a ouvi-los, sem a pressa em cortar ou encurtar as suas perguntas, sem a obsessão por encontrar rapidamente as respostas. Talvez seja só necessário conversar mais e melhor. Aprendamos a conjugar estes verbos, na relação com os jovens: escutar e acompanhar, para caminhar juntamente com eles, a fim de que eles mesmos encontrem e decidam o seu próprio caminho.

5.2. Queridos jovens e avós: abandonemos este preconceito mútuo, esta estranheza recíproca, que leva os mais velhos a dar como perdidos os mais novos e os mais novos a rotular os mais velhos como um produto fora do prazo de validade. Saibamos ouvir-nos reciprocamente. Façamos uma aliança de gerações, de modo a projetar os jovens para a frente, sem cortar as suas raízes. Com os jovens podemos ir mais depressa! Mas com os idosos iremos mais longe.

5.3. Querida comunidade paroquial, queridos irmãos e irmãs: vamos todos motivar os nossos jovens, de dentro e de fora da Igreja, a participar na iniciativa diocesana “Panamá in Douro”? Caríssimos pais: quereis motivar os vossos filhos para se inscreverem, até ao dia 6 de janeiro? Queridos avós: quereis aliciar os vossos netos e patrocinar os custos desta iniciativa, dedicada aos jovens entre os 15 e 35 anos? Caros jovens: aceitais levar este convite aos vossos amigos e grupos de pares da vossa escola, da catequese, do escutismo, do desporto?

Jovens: “*Vós sois o presente. Sede o futuro mais brilhante*” (Carta dos Padres Sinodais aos jovens, 28.10.2018)!

**Homilia na Festa da Sagrada Família B 2017**

**Uma família rica no amor**

***1.*** *Natal e Família* são dois amores inseparáveis. E, por isso, na celebração anual do mistério da encarnação, eis-nos de olhos fixos, na riqueza do amor, que brilha como marca distintiva da *Sagrada Família de Jesus, Maria e José*.

Bem vistas as coisas, o acontecimento do Natal, pelo qual o Verbo Se fez Carne, é a história de uma família, cruzada nas histórias de outras famílias, onde todos são protagonistas e ninguém é excluído: *os casais, as crianças, os jovens, os adultos e os anciãos*. E vemo-lo, por exemplo, no evangelho de hoje: quarenta dias depois do nascimento, o Menino é apresentado por Maria e José, no Templo de Jerusalém, juntamente com duas pombinhas, precisamente a oferta de quem, por modéstia de recursos, não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7). E ali estão, em vigilante expectativa, dois idosos, movidos pela Estrela que brilha no amor. Eis que seguram nos braços o Menino Deus, que, por sua vez, os sustém a eles na esperança e é, para todos, Luz das nações. Não falta nesta história, o drama de uma família, refugiada no Egito. *Pobre de meios*, não chegam lá de mãos vazias, pois levam uma bagagem feita de coragem, capacidades, energias e aspirações, para além dos tesouros da sua própria cultura. Esta família resiliente regressará mais tarde a Nazaré, onde Jesus vive 30 anos de silêncio, ganhando o pão, com o trabalho das suas mãos.

Resumindo, “*este é o mistério do Natal e o segredo de Nazaré,* ***cheio de******perfume a família****! É o mistério do qual bebem também as famílias cristãs para renovar a sua esperança e alegria*” (AL 65). *“Aqui se aprende o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu caráter sagrado e inviolável*” (Paulo VI, Alocução em Nazaré, 5 de janeiro de 1964).

**2.** Não estamos, pois, diante de família *encantada* ou idealizada, por um *conto de fadas*. Não. Estamos diante de uma família encantadora, porque fiel, acolhedora, livre, *pobre de meios, mas rica no amor e, por isso mesmo, missionária*. Esta “*aliança de amor e fidelidade, vivida pela Sagrada Família de Nazaré, ilumina o princípio que dá forma a cada família e a torna capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história. Sobre este fundamento, cada família, mesmo na sua fragilidade, pode tornar-se uma luz na escuridão”* (AL 66) e “*uma alegria para o mundo*” (Tema do Encontro mundial de famílias 2018). Na verdade, “*a força da família reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar. Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor*” (AL 53). Este amor, sem preferência, que não depende da escolha nem da comparação, pede exigência para consigo e ternura para com os outros, humildade para pedir perdão e misericórdia para o oferecer, esforço da caridade para amar o outro, tal como é e não na medida das minhas expectativas. Sujeita a inevitáveis crises, a família caminha, cresce e amadurece, na medida em que vive a alegria do amor, paciente e amável, generoso e prestável, aquele amor que tudo desculpa, tudo crê e tudo suporta (cf. I Cor 13,4-7). A família deve ser o lugar onde cada pessoa é amada e não avaliada; em que cada pessoa vale pelo seu Q.A. (quociente de amor) e não pelo seu Q.I. (quociente de Inteligência), em que cada pessoa é amada pelo que é e não pelo que faz, pelo que dá ou recebe e não pelo que produz ou ganha!

**3.** Queridas famílias: *viveis a partir do amor, para o amor e no amor?* Como seria rica de amor a vida familiar, se cada dia vivêsseis as três palavras mágicas: «*por favor», «obrigado» e «desculpa»!* Não tenhais medo de as usar, porque têm duração ilimitada! Quanto mais uso tiverem, mais o vosso amor conjugal e familiar se há de robustecer e crescer, *noite e dia*, à imagem daquele Menino, que *Se tornava robusto e crescia em sabedoria e em graça*. Uma família rica de amor é como o Natal, uma boa nova de paz e alegria para o mundo! Caminhemos nessa direção.

**Homilia na Festa da Sagrada Família C 2015 – fórmula revista**

**1.** Natal e família são inseparáveis! O Filho de Deus veio ao mundo numa família. Dizemos que é «*Sagrada*» esta família, mesmo sabendo que o Menino nasceu de Maria, que O concebera, no seu noivado, quando ainda nem sequer coabitava com José! E dizemos que é “Sagrada” esta família, em que um tal José acolhe, sem preconceito, a Virgem Maria, como sua esposa, e acaba por adotar Jesus, como filho, não de outro homem, mas do Eterno Pai. Tudo isto, à revelia completa dos bons costumes da época, que exporiam Maria à condenação, e fariam de José um usurpador, *por posse ilegal de filho menor*. É «*Sagrada*» esta Família, mesmo sendo uma *perigosa* família “*de refugiados*”, que foge para o Egipto, por perseguição política e religiosa. De regresso à sua terra, esta família viverá trinta anos de vida escondida, em Nazaré e nem sempre as coisas correm de feição, como percebemos da aflição de Maria e José, que se sentem perdidos e fazem perguntas a Jesus, sem O condenar, prontos a escutar e a aceitar que o Filho não lhes pertence, e que, juntos, terão de se encontrar sob o abrigo da casa do Pai.

**2.** Faz-nos bem pensar nisto, para não desesperarmos da imperfeição e das dificuldades das nossas famílias, algumas também ditas “*irregulares*”. “Não existe família perfeita. Uma família perfeita seria uma anormalidade. Por isso, não é fácil a vida diária de nenhuma família. “*A família é sempre o lugar onde nem tudo funciona bem, porque não é um lugar executivo, mas um espaço existencial. Como toda a aventura humana, é frequentada, sem cessar por conflitos, falhas, ofensas, que suscitam rancor e exigem perdão” (*Fabrice Hadjadj, *Qué es una família, 46)*. Não há por que estranhar as tensões na família, que é, por excelência, o lugar da diferença: em primeiro lugar, da diferença sexual entre o próprio casal, em que *cada um é outro e de outro modo (Ib.,78)*. Esta diferença, por sua vez, é geradora de outra diferença: a diferença geracional, entre pais e filhos e avós. A família é, por isso, o lugar onde se tecem e articulam estas diferenças, que não podem nem devem ser abolidas, para fugir às tensões e dificuldades relacionais, mas assumidas, para reforçar os laços do amor *conjugal, filial e fraternal*.

A tentação, hoje, para resolver estas tensões e conflitos, é preferir a consulta no especialista à conversa em família; é substituir a mesa pela tablete eletrónica; é trocar o leito conjugal pelo divã do psiquiatra; é fugir da Confissão e expor-se inteirinho na televisão. Não faltará até quem sugira substituir a instituição “família” por um organizado *club de encontros* ou de afetos.

**3.** Neste Ano Jubilar é importante reafirmar a família, como *primeiro lugar da misericórdia*. Para isso, é necessário que as suas misérias sejam superadas, não mediante soluções técnicas, aditivas ou paliativas, mas com a paciência do diálogo e a benevolência do perdão dado e recebido. Vale mais o diálogo do filho com um pai imperfeito do que uma consulta com um perito em família. Vale mais uma carícia de um avô imperfeito do que qualquer técnica de terapia familiar. «*A ternura nos relacionamentos familiares é a virtude de todos os dias, que ajuda a ultrapassar os conflitos interiores e relacionais*” (Relação Final do Sínodo dos Bispos 2015, nº88).

Então, sim, quando a família se torna o primeiro lugar da misericórdia, até as debilidades dos pais e os seus fracassos acabam por ser uma força, porque lhes permitem voltar-se, juntamente com os filhos, para o único Pai, rico em misericórdia. E, desse modo, manifestarão uma vida bela, mais forte que os seus poucos êxitos.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: É verdade: não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Dececionamo-nos uns aos outros. Por isso, não há casamento viável nem família saudável sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família torna-se uma arena de conflitos e um reduto de mágoas. Sem perdão a família adoece. O perdão é a purificação da alma, a limpeza da mente e a libertação do coração. Quem não perdoa não tem paz na alma, nem comunhão com Deus. A mágoa é um veneno que intoxica e mata. Guardar mágoa no coração é um gesto autodestrutivo. Quem não perdoa adoece física, emocional e espiritualmente. É por isso que a família precisa de ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença" (Papa Francisco).

Por isso, não se pode viver bem, especialmente em família, sem perdoar. Porque“*todos os dias cometemos injustiças, uns contra os outros, devido à nossa fragilidade e ao nosso egoísmo. No entanto, o que se nos pede é que curemos imediatamente as feridas que causamos uns aos outros, que voltemos a tecer imediatamente os fios, que dilaceramos em família. Se esperarmos demasiado tempo, tudo se tornará mais difícil. E há um segredo simples para curar as feridas e resolver as acusações. É este: não deixar que o dia termine sem pedir perdão, sem fazer as pazes entre marido e esposa, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, entre nora e sogra! Se aprendermos imediatamente a pedir e a conceder o perdão recíproco, as feridas curam-se, o matrimónio fortalece-se e a família torna-se um lar cada vez mais sólido, que resiste aos abalos das nossas pequenas e grandes maldades. E para isto não é necessário pronunciar um grande discurso, mas é suficiente uma carícia: uma carícia e tudo acaba e recomeça. Nunca termineis o dia em guerra*” (Papa Francisco, Audiência, 4.11.2015)!

Disse hoje mesmo o Papa: “*O perdão é a essência do amor, que sabe compreender o erro e pôr-lhe remédio. Ai de nós se Deus não nos perdoasse! É no seio da família que as pessoas são educadas para o perdão, porque se tem a certeza de ser compreendidas e amparadas, não obstante os erros que se possam cometer*” (Papa Francisco, Homilia, 27.12.2015).

**5.** Queridos irmãos e irmãs: que o Jubileu da Misericórdia seja vivido, em primeiro lugar, nas relações diárias, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, sem esquecer a proteção dos avós! “*Não percamos a confiança na família! É bom abrir sempre (a porta do) o coração uns aos outros, sem nada esconder. Onde há amor, também há compreensão e perdã*o” (Papa Francisco, Homilia, 27-12-2015). Que ao atravessarmos o limiar da “porta santa” da nossa casa, experimentemos sempre a alegria da misericórdia, a confiança no perdão, a ternura de um regaço, de um beijo, de um abraço. Um pouco mais de misericórdia salvará a nossa família e fará deste mundo a nossa casa comum, onde é tão “*belo viver como irmãos” (Sl.133)*!

**Homilia na Festa da Sagrada Família B 2014**

**1.** “*Uma casa para a alegria do Evangelho*”! Assim é a Família de Nazaré, cuja festa litúrgica, celebramos, em plena oitava do Natal. Na verdade, a celebração do Natal acende uma luz forte, sobre o desígnio de Deus, para a família humana. Jesus nasceu numa família! Podia ter vindo de modo espetacular, como um guerreiro ou imperador. Mas não: veio como filho, numa família. Deus quis nascer numa família humana, que Ele mesmo formou. Forjou-a num longínquo povoado da periferia do Império romano: em Nazaré. E aí, na família de Nazaré, Jesus viveu 30 anos, com Maria e José, e era-lhes submisso (cf. Lc.2.51).

**2.** Sem curas nem milagres, sem pregações nem multidões, numa terra de “*onde não podia vir coisa boa*” (Jo.1,46), Jesus vive todo esse tempo, na normalidade de uma família, seguindo os costumes de uma família israelita, piedosa e diligente (Lc.2,22): rezando diariamente em casa e frequentando fielmente a sinagoga, no dia consagrado ao Senhor. Em casa trabalhava-se, normalmente: a mãe cozinhava, ocupava-se dos afazeres da casa; o pai, carpinteiro, labutava e ensinava o filho a trabalhar. Era precisamente assim, numa família normal, da periferia, que Jesus *“crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens*” (Lc. 2, 51-52).

**3.** E foram trinta anos, no recolhimento e escondimento de uma família normal! «*Mas que desperdício*», direis vós! Não. No desígnio de Deus, é muito importante, que Jesus possa nascer, viver e crescer em família. É aí que o Menino se torna adolescente e jovem; é aí que entende a necessidade e a beleza de cultivar a sua vocação mais profunda e 0s seus sonhos grandiosos! É aí, nesse tempo e templo familiar, que Jesus cultiva a vocação, para a qual o Pai o enviara! E aí, com a vida santa de Maria Imaculada e José, homem justo, Jesus cresce, em coragem, para decidir, ir e seguir em frente, com a sua missão!

**4.** Queridos irmãos e irmãs, queridas famílias: a esta luz, deixai que vos sugira duas atitudes, para fazermos da nossa família, “*uma casa para a alegria do Evangelho*”:

**Primeira atitude:** **Deixar que Jesus cresça, na nossa família!**

Não basta a Jesus ter lugar, no nosso Presépio, como recém-nascido. Jesus, que nasceu para nós, quer crescer em cada um de nós! Mas também hoje, este Jesus que crescia na família de Nazaré, quer crescer na família de cada um de nós! Cada família é chamada a tornar-se verdadeira “*Igreja doméstica*”, onde Jesus reina e a sua Paz tem lugar. Cada família cristã deve acolher Jesus, ouvi-l’O, falar com Ele, conservá-l’O, protegê-l’O, e crescer com Ele, e só assim pode melhorar o mundo. Esta é a grande missão da família cristã: acolher Jesus, isto é, acolher Jesus na pessoa dos filhos, que são uma bênção do Senhor; acolher Jesus, na pessoa do marido ou da esposa, que se devem um ao outro, no amor de Cristo; acolher Jesus, na pessoa dos mais velhos, que tanto precisam do nosso afeto e compreensão! Jesus quer crescer aí: em cada pessoa e em cada relação familiar.

**Segunda atitude:** **Dar importância ao tempo em família, ao tempo para a família!**

Queridas famílias: Nunca é um desperdício, nunca é de mais, o tempo de estar em família, a brincar, a conversar, a rezar, a conviver, a trabalhar. E, como aconteceu naqueles trinta anos, em Nazaré, assim também deve ser hoje na nossa família: é preciso fazer com que o amor se torne normal, e não o ódio; fazer com que a entreajuda se torne comum, e não reine a indiferença ou a inimizade; fazer com que a alegria de viver em família, se torne a regra e não a exceção. Uma família feliz é sempre uma boa nova, para o mundo! Por isso, não o esqueçais: “*a alegria do evangelho da família é a nossa missão*”!

**HOMILIA NA FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA – ANO A – 2013 – fórmula mais breve**

1. A tradição já não é o que era! Mesmo se a “*família*” é ainda hoje uma instituição altamente apreciada, como valor inestimável, a verdade é que a configuração das famílias tem, na atualidade, contornos, que não se comparam aos de há cinquenta anos. O número crescente de casais à experiência, de uniões de facto, de casamentos apenas pelo civil, de divórcios, de novos casamentos de divorciados, de filhos nascidos fora do casamento, e até de uniões homossexuais, põe em evidência uma realidade nova, a que não escapam as famílias “tradicionais”!

2. Não se vê que haja caminh0, na ilusão de um regresso saudosista, que pretenda restaurar uma espécie de “paraíso” em ruinas. Sobre a família, temos hoje e cada vez mais perguntas, do que respostas! Pastores e fiéis perguntam-se, por exemplo: que podemos aprender com estas novas experiências, onde o bem e o mal, o santo e o perverso, os êxitos e os fracassos humanos, andam sempre, mais ou menos, misturados? Que caminhos novos abrem estas realidades, a outras formas de ver e de viver o Evangelho? São algumas questões levantadas, no célebre questionário de preparação, para o próximo Sínodo dos Bispos, em outubro de 2014, sobre «*os desafios pastorais da família no contexto da nova evangelização*». Sem remédio caseiro - que para o caso não há - penso que todos nós teremos de aprender a escutar, a acompanhar, a dialogar, com todas estas novas formas de preparar, de construir ou de refazer a família, mesmo sem deixarmos de propor um certo ideal e a descoberta de uma certa ordem de valores. Mas tudo isto, sem nunca impor, como lei ou tradição, o que só pode ser escolhido!

3. Sejam quais forem as respostas, aos desafios da família em mutação, nós sabemos, à partida, que a família será sempre o lugar da nossa felicidade, mas de uma *felicidade sempre controversa*! Mais de 70% dos portugueses continua a associar a felicidade, à vida em casal e em família! Por isso, atrevo-me hoje e aqui, a enunciar ***oito novas aventuranças da família****[[2]](#footnote-2)*, que nos ajudem a reencontrar essa felicidade, tão controversa, aliás, como as próprias bem-aventuranças:

1. *Bem-aventuradas as famílias que entendem a sua missão, como uma arte de hospitalidade.* Em família, não somos donos de nada, nem de ninguém: somos elos de uma corrente, companheiros. Acolhamo-nos, portanto, uns aos outros, na gratuidade, desinteressadamente e só assim, a família se tornará «porto de abrigo» para todas as marés.
2. *Bem-aventuradas as famílias que diariamente combatem o analfabetismo dos afetos.* Sejamos, em família, artesãos do afeto, num amor que nos aceita por inteiro, que abraça o que somos e o que não somos, o que nós já fomos e aquilo em que nos tornámos. Mesmo se as panelas ou os pratos andarem lá em casa pelo ar, ninguém se deite nem adormeça, sem primeiro fazer as pazes!
3. *Bem-aventuradas as famílias que compreendem a importância do inútil*. Não deixemos que nenhum membro da família se torne descartável, pelo facto de não ser útil ou lucrativo! Estar juntos, em casa, sem fazer nada, é tão necessário, como trabalhar, para ganhar o pão de cada dia. Os mais novos e os idosos, que não fazem nada, fazem-nos mais falta, do que o trabalho que nos dão! Saibamo-los ouvir e aprender com eles e seguir em frente, com sabedoria!
4. *Bem-aventuradas as famílias que cultivam uma arte da lentidão*. Na pressão de decidir, precisamos de uma lentidão, que nos proteja das precipitações mecânicas, de gestos cegamente compulsivos, de palavras fatais ou banais. Rezar, juntos, em família, também nos modera a pressa e nos modela na arte do amor paciente de Deus para connosco!
5. *Bem-aventuradas as famílias que não deitam fora a caixa dos brinquedos*. Em família, brincar é uma coisa tão necessária e tão importante como trabalhar e falar a sério! Brinquem a sério! A sério, brinquem mais uns com os outros.
6. *Bem-aventuradas as famílias que arriscam fazer bom uso das crises.* Mudar de vida, não significa tornar-se outro, ou, pior ainda, partir para outra… (outra pessoa, outra experiência…). Quanto mais conscientes dos nossos entraves, limites e contradições, mas também das nossas forças e capacidades, tanto mais poderemos dar-nos conta de quem somos e do lugar que ocupamos, na vida dos outros! A crise não se destina a afundar, mas a aprofundar a relação!
7. *Bem-aventuradas as famílias que se assumem como um laboratório para a alegria*, *uma escola do sorriso, um ateliê para a esperança, uma fábrica para o abraço e para a dança.* Aquilo que mais pesa na vida é não receber um sorriso, é não se sentir querido*.* Em vez de crescermos na severidade, na intransigência, na indiferença, na maledicência, no lamento, cresçamos na alegria, na simplicidade, na gratidão e na confiança.
8. *Bem-aventuradas as famílias que vivem abertas às surpresas do futuro e põem a sua confiança em Deus.* O «sim» do amor, dado, pelo casal, e para sempre, «*na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida*» conta com a graça do Sacramento do Matrimónio. Esta graça, não é uma decoração para uma cerimónia bonita; é para tornar fortes os casais, para os fazer corajosos, a fim de que possam seguir em frente! Mas se o sonho do casamento se tornar um pesadelo, se algum de vós se sentir rejeitado, tende ainda esta confiança: Deus não desiste de nenhum de vós; o seu amor por cada um de vós não volta atrás!

*Todas estas bem-aventuranças, não são mais do que o desenvolvimento daquela outra* que não é nova, mas é para todos e é para sempre: “*Felizes os que reconhecem o Senhor, felizes os que seguem os seus caminhos” (Sal127/128).*

**HOMILIA NA FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA – ANO A – 2013 – fórmula mais longa**

1. A tradição já não é o que era! Mesmo se a família é ainda hoje altamente apreciada, como um valor inestimável, a verdade é que a configuração das famílias tem, na atualidade, contornos, que não se comparam aos de há cinquenta anos. Mais de 70% dos portugueses continua a associar a felicidade, à vida em casal. O fim de uma relação não põe em causa esse ideal, embora seja hoje vivido em novos cenários. Olhemos para Portugal. Tomem algumas notas[[3]](#footnote-3), se quiserem:

1. Em 1960, os casamentos não católicos representavam apenas 9,2%. No ano 2000, os casamentos não católicos eram ainda uma minoria de 35,2%. Mas, em 2012 a percentagem de casamentos não católicos chegou aos 62%.
2. Por outro lado, aumentou o número de pessoas em união de facto: eram cerca de 381 mil em 2001. Chegaram a 730 mil em 2011.
3. Houve 749 divórcios em 1969. Em 1990, 9.216 divórcios. No ano 2000, o número de divórcios chegaram aos 19.104. No ano de 2012 contam-se 25.380 divórcios. Em percentagem, temos 1,1% de divórcios em 1960, 30% no ano 2000 e 73,7% em 2012.
4. Os recasados são muitos. Em 2012, houve 34.099 casamentos, dos quais 5.728 eram constituídos por cônjuges divorciados.
5. A percentagem de nascimentos, fora do casamento, foi de 45,6% em 2012, quando esta percentagem era de 22,2% no ano 2000 e apenas de 9,5% nos idos anos de 1960.

Aterrando aqui, na nossa Paróquia, vejamos: crianças batizadas: 187 no ano 2000, 108 neste ano de 2013. Destes 108 batizados, apenas 69 são filhos de pais casados catolicamente. Casamentos católicos celebrados na nossa Paróquia: 130 em 1998, 70 no ano 2000, 40 no ano de 2008 e 17 neste ano de 2013.

2. Estamos perante uma realidade nova, que atinge todas as famílias, mesmo as mais tradicionais, e não se vê que haja caminh0, num simples regresso saudosista, à procura de restaurar um paraíso em ruinas. Cada vez mais temos perguntas, em vez de respostas, tais como estas[[4]](#footnote-4):

1. Que podemos nós, nesta Igreja, aprender com estas novas experiências, onde o bem e o mal, o santo e o perverso, os êxitos e os fracassos humanos, andam sempre mais ou menos misturados?
2. Que caminhos novos abrem estas realidades, a outras formas de ver e viver o Evangelho?

São questões que aparecem no questionário de preparação, para o próximo Sínodo dos Bispos, em outubro de 2014, sobre «*os desafios pastorais da família no contexto da nova evangelização*». Sem remédio caseiro - que para o caso não há - penso que todos teremos de aprender a escutar, a acompanhar, a dialogar, com todas estas novas formas de preparar e construir a família, mesmo sem deixar de propor um certo ideal e a descoberta de uma certa ordem de valores. Mas sem nunca impor, como lei ou tradição, o que só pode ser escolhido, por opção!

3. Sejam quais forem as respostas, nós sabemos que a família será sempre o lugar da nossa felicidade, mas de uma felicidade sempre controversa! Por isso, atrevo-me hoje e aqui, a enunciar ***oito novas aventuranças da família****[[5]](#footnote-5)*, que nos ajudem a reencontrar essa felicidade, aliás, tão controversa com as próprias bem-aventuranças:

1. *Bem-aventuradas as famílias que entendem a sua missão, como uma arte de hospitalidade.* Em família, não somos donos de nada, nem de ninguém: somos testemunhas, elos de uma corrente, companheiros. Acolhamo-nos, portanto, uns aos outros, na gratuidade, desinteressadamente e só assim. Aceitemos, sem choques, a noite e o nada, o quente e o frio, o silêncio e a demora, a graça e fraqueza, a estabilidade e a mobilidade. E de tudo isto saibamos fazer caminho, em esperança, sem nunca desistir de nada nem de ninguém!
2. *Bem-aventuradas as famílias que diariamente combatem o analfabetismo dos afetos.* Sejamos em família, artesãos do afeto, num amor que nos aceita por inteiro, que abraça o que somos e o que não somos; o que nós já fomos e aquilo em que nos tornámos. Mesmo se as panelas ou os pratos andarem lá em casa pelo ar, ninguém se deite nem adormeça, sem fazer as pazes! Para levar, por diante uma família, - diz-nos o Papa Francisco - é necessário usar três palavras: *“com licença, obrigado, desculpa”*! Não as deixemos cair em desuso e a qualidade da família nunca estará fora do prazo de validade!
3. *Bem-aventuradas as famílias que compreendem a importância do inútil*. Não deixemos que nenhum membro da família se torne descartável, por não ser útil ou lucrativo! Estar juntos, em casa, sem fazer nada, é tão necessário, como trabalhar, para ganhar o pão de cada dia. Os mais novos e os idosos, que não fazem nada, fazem-nos mais falta, do que o trabalho que nos dão! Saibamo-los ouvir e aprender com eles. Para seguir em frente, com mais sabedoria!
4. *Bem-aventuradas as famílias que cultivam uma arte da lentidão*. A pressa é inimiga da perfeição. Na pressão de decidir, precisamos de uma lentidão, que nos proteja das precipitações mecânicas, de gestos cegamente compulsivos, de palavras fatais ou banais. Rezar, juntos, em família, também nos modera a pressa e nos modela na arte do amor paciente de Deus para connosco.
5. *Bem-aventuradas as famílias que não deitam fora a caixa dos brinquedos*. A caixa dos brinquedos não serve para nada, e por isso dá-nos razões para viver. Em família, brincar, por exemplo, é uma coisa tão necessária e tão importante como trabalhar e falar a sério!
6. *Bem-aventuradas as famílias que arriscam fazer um bom uso das crises.* Mudar de vida, não significa tornar-se outro, ou, pior ainda, partir para outra… (outra pessoa, outra experiência…). Quanto mais conscientes dos nossos entraves, limites e contradições, mas também das nossas forças e capacidades, tanto mais poderemos dar-nos conta de quem somos e do lugar que ocupamos, na vida dos outros. Em vez de nos afundar, a crise deve levar-nos a aprofundar os fundamentos de uma relação entretanto abalada!
7. *Bem-aventuradas as famílias que dizem de si mesmas: “somos um laboratório para a alegria”*, *«somos uma escola do sorriso», «somos um ateliê para a esperança», «somos uma fábrica para o abraço e para a dança». Olhai:* trabalhar é fatigante; procurar trabalho é-o ainda mais! Mas, aquilo que mais pesa na vida é não receber um sorriso, é não se sentir querido*.* Em vez de crescermos na severidade, na intransigência, na indiferença, na maledicência, no lamento, cresçamos na alegria, na simplicidade, na gratidão e na confiança.
8. *Bem-aventuradas as famílias que vivem abertas às surpresas do futuro e põem a sua confiança em Deus.* O «sim» do amor, dado, pelo casal, e para sempre, «*na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida*» conta com a graça divina do Sacramento do Matrimónio. Esta graça, não é uma decoração para uma cerimónia bonita; é para tornar fortes os casais, para os fazer corajosos, a fim de que possam seguir em frente! Mas, se a surpresa for desagradável, se o sonho do casamento se tornar pesadelo, tende ainda confiança: Deus não desistirá de nenhum de vós; o seu amor por cada um de vós não voltará atrás! Nesse momento, recordar-vos-eis desta outra e primeira bem-aventurança, que não é nova, mas é para todos e para sempre: **“*Felizes os que reconhecem o Senhor, felizes os que seguem os seus caminhos****” (Sal127/128).*

**Homilia na Festa da Sagrada Família – Ano C – 2012 – fórmula mais longa**

(ver fórmula mais breve, págs. 9-10)

**1.** “*Pelo Natal, um salto de pardal*”, diz a sabedoria do povo, ao falar da luz natural, que o dia ganha à noite, e que, todos os dias, se vai aumentando, devagarinho, e a custo zero! Mas o evangelho dá mais que “*um salto de carneiro, em janeiro”*, passando muito rapidamente do nascimento do Menino à adolescência de Jesus! Em todo o caso, não se trata, aqui, de um aumento anormal, de um crescimento súbito do Menino, pois “Jesus *ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça*” (Lc 2,51-52). Na verdade, Jesus pensa e aprende de maneira humana. A sabedoria de Jesus não é uma ciência abstrata; ela está enraizada numa história concreta, num lugar e num tempo, nas várias fases da vida humana! No fundo, este fragmento do evangelho coloca-nos, no lento caminho do crescimento do Filho de Deus feito Homem, o que implica, em todo o caso, aceitarmos também nós, percorrermos, em família, um caminho de fé, que é demorado, e que é feito, dia a dia, como o de Maria e José, com mais perguntas, do que respostas!

**2.** E então a pergunta mais radical da fé surge sempre em situações mais aflitivas. Maria faz-se nossa porta-voz: “*Filho, porque nos fizeste isto? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*” (Lc 2,48). Quantas vezes, na desorientação e na escuridão da dor, não exclamámos: “*Senhor, porque me fizeste isto*”? São, sobretudo, para Maria e José, três dias de angústia e de sofrimento, por causa da falta de Jesus, três dias de uma escuridão, que nos reportam à espada de dor, causada pela ausência de Jesus, entre a Cruz e a ressurreição, ao terceiro dia!

**3.** Mas a resposta de Jesus à pergunta da Mãe é outra pergunta impressionante: “*Porque me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai” (Lc 2, 49).* Como se Jesus dissesse: “*Eu estou com o Pai. O meu pai não é José, mas um Outro: é o próprio Deus. A Ele pertenço. Com Ele estou*”. Como Filho, Jesus encontra-Se diretamente com o Pai; vive na sua presença; vê-O! Jesus está com o Pai, vê as coisas e os homens, na sua luz. Por isso, esta resposta misteriosa não significa que Jesus é um adolescente, que está no Templo, como um rebelde, contra os pais. Não. Jesus não é um revolucionário, que pretende afirmar a sua liberdade, descartando-se de qualquer vínculo. A sua liberdade não é a de um liberal, mas a do Filho, obediente, totalmente unido, no amor, à vontade do Pai, até à Cruz.

**4.** *“Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse (…) sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2,50.51).* Na verdade,a palavra de Jesus é grande demais, por essa altura. A própria fé de Maria é uma fé «a caminho», uma fé, que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer. Maria não compreende as palavras de Jesus, mas guarda-as no seu coração, onde as faz chegar lentamente à sua maturação. Na verdade, as palavras de Jesus nunca deixam de ser maiores do que a nossa razão; superam, sempre, de novo, a nossa inteligência. Temos, muitas vezes, a tentação de as reduzir e manipular, para as fazer entrar na nossa medida. Mas o que se nos pede é a humildade da fé, capaz de respeitar esta grandeza. Crer significa submeter-se a esta grandeza de Deus, e crescer, pouco a pouco, rumo a ela.

**5.** Gostaria, por fim, de extrair, desta cena evangélica, algumas aplicações práticas, para as nossas famílias, no âmbito do Ano da fé:

***5.1. Primeira:*** Vede – caros pais - como é importante aproveitar as ocasiões favoráveis, para **introduzir, na família, a questão da fé***,* e para fazer amadurecer uma reflexão crítica, relativamente aos modos e modas atuais, do pensar e do viver, que tanto condicionam a vida dos mais novos. Os pais devem estar muito vigilantes, atentos a tudo o que se diz, ao que se escreve, ao que se passa, num mundo global e local, e também no mundo virtual, que é hoje boa parte do mundo real dos nossos adolescentes. Só assim podereis conhecer o mundo dos vossos filhos e ajudá-los a ver as coisas à luz da fé, a ver cada situação, com os olhos do próprio Deus!

***5.2. Segunda:*** Esta atenção dos pais implica uma fina **sensibilidade, para intuir e entender as possíveis interrogações religiosas**, que afinal até estão presentes no espírito dos mais novos, às vezes de forma evidente, outras vezes, de forma escondida e até envergonhada ou reprimida, pelo pensamento dominante. A rebeldia do adolescente é, muitas vezes, o sintoma de uma insatisfação do coração por preencher, de uma pergunta da razão por responder, de uma liberdade por aprender. Importa, como Maria e José, com Jesus, saber escutar e perscrutar o mundo oculto dos filhos. Importa ainda conciliar liberdade e obediência. “*O adolescente Jesus era deixado livre, para decidir juntar-se aos seus amigos e aos da sua idade, e ficar na sua companhia ao longo do caminho. Mas, à noite, esperavam-no os pais”*, para uma visão do dia, para uma revisão de vida!

***5.3. Por isso, e por fim,***esta conversa entre *Jesus, Maria e José*, sugere-nos a **importância da escuta e do diálogo**, em família. É aí, em primeiro lugar, que as pessoas devem aprender a estar juntas, a harmonizar os contrastes, a estabelecer um diálogo recíproco, que é feito de escuta e de palavra; é aí que devem aprender a compreender-se, a comprometer-se e a amar-se. É aí, que devem entender a obra de Deus e reconhecer a presença do bem, que não faz ruído. E aí, em casa. Mas, para começar em casa e chegar aí, é preciso que os pais não deixem de percorrer com os filhos o caminho de ida ao Templo e de regresso a casa: é preciso voltar a estar com os filhos, e como filhos de Deus, na casa e nas coisas do Pai! Só assim, aprenderemos, que, na pequena ou na grande família, somos sempre uma *“comunidade de caminho*”, que precisa de crescer, todos os dias, na fé, e de a pedir sem cessar: *Senhor, com Maria e José, aumenta, aumenta a nossa fé!*

**Homilia na Festa da Sagrada Família – Ano C – 2012** (fórmula mais breve)

**1.** “Jesus *ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça*” (Lc 2,51-52). Passamos muito rapidamente do nascimento do Menino à adolescência de Jesus! Em todo o caso, não se trata, aqui, de um aumento anormal, de um crescimento súbito do Menino, pois, na verdade, Jesus pensa e aprende de maneira humana, segundo as fases da vida! Este fragmento do evangelho coloca-nos, pois, no lento caminho do crescimento do Filho de Deus feito Homem, o que implica, em todo o caso, aceitarmos também nós, percorrermos, em família, um caminho de fé, que é feito, dia a dia, como o de Maria e José, com mais perguntas, do que respostas!

**2.** E a pergunta mais radical da fé surge sempre em situações mais aflitivas: “*Filho, porque nos fizeste isto? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*” (Lc 2,48). Quantas vezes, na desorientação e na escuridão da dor, não exclamámos: “*Senhor, porque me fizeste isto*”? São, sobretudo, para Maria e José, três dias de angústia e de sofrimento, por causa da falta de Jesus, três dias de uma escuridão, que nos reportam à espada de dor, causada pela ausência de Jesus, entre a Cruz e a ressurreição, ao terceiro dia! Mas a resposta de Jesus à pergunta da Mãe é outra pergunta impressionante: “*Porque me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai” (Lc 2, 49).* Como se Jesus dissesse: “*Eu estou com o Pai. O meu pai não é José, mas um Outro: é o próprio Deus. A Ele pertenço. Com Ele estou*”!

**3.** *“Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse (…) sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2,50.51)*. A própria fé de Maria é uma fé «a caminho», uma fé, que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer.

**4.** Gostaria, por fim, de extrair, desta cena evangélica, algumas aplicações práticas, para as nossas famílias, no âmbito do Ano da fé:

***4.1. Primeira:*** Vede – caros pais - como é importante aproveitar as ocasiões favoráveis, para **introduzir, na família, a questão da fé**. Os pais devem estar vigilantes, atentos a tudo o que se diz, ao que se escreve, ao que se passa, num mundo global e local, e também no mundo virtual, que é hoje boa parte do mundo real dos nossos adolescentes. Só assim podereis conhecer o mundo dos vossos filhos e ajudá-los a ver as coisas à luz da fé, com os olhos do próprio Deus!

***4.2. Segunda:*** Esta atenção dos pais implica uma fina **sensibilidade, para intuir e entender as possíveis interrogações religiosas**, que afinal até estão presentes no espírito dos mais novos, às vezes de forma evidente, outras vezes, de forma escondida ou reprimida. A rebeldia do adolescente é, muitas vezes, o sintoma de uma insatisfação do coração por preencher, de uma pergunta da razão por responder, de uma liberdade por aprender. Importa, como Maria e José, com Jesus, saber escutar e perscrutar o mundo oculto dos filhos!

***4.3. Por isso, e por fim,***esta conversa entre *Jesus, Maria e José*, sugere-nos a **importância da escuta e do diálogo**, em família. É aí, em primeiro lugar, que as pessoas devem aprender a estar juntas, a harmonizar os contrastes, a estabelecer um diálogo recíproco, que é feito de escuta e de palavra; é aí que devem aprender a compreender-se, a comprometer-se e a amar-se. É aí, que devem reconhecer a presença do bem, que não faz ruído. E aí, em casa. Mas, para começar em casa e chegar aí, é preciso que os pais não deixem de percorrer com os filhos o caminho de ida ao Templo e de regresso a casa: é preciso voltar a estar com os filhos, e como filhos de Deus, na casa e nas coisas do Pai!

Só assim, aprenderemos, que, na pequena ou na grande família, somos sempre uma *“comunidade de caminho*”, que precisa de crescer, todos os dias, na fé, e de a pedir sem cessar: *Senhor, com Maria e José, aumenta, aumenta a nossa fé!*

**HOMILIA NA FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA C 2009**

**“Cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão!”** (Col.3,16)

**1.** Ressoa ainda, nos nossos ouvidos, o Hino de “*glória a Deus nas alturas e de Paz na terra aos homens de boa vontade*”, que os anjos entoam, na noite de Natal! É um hino de gratidão, de ação de graças! Ecoam também, no mais fundo da nossa alma, os cânticos inspirados, dos pobres pastores da Judeia, que regressam do Presépio, “*glorificando e louvado a Deus, por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado*”! E o que encontram em Belém, o que ali viram, e que se tornou fonte de inspiração para o louvor e para a gratidão, foi simplesmente “uma família”, numa sagrada sinfonia de amor, entoada ali, num registo simples de silêncio e comoção. Os pastores encontraram “*Maria e José e o Menino deitado na manjedoura*”. Este quadro da Família de Nazaré encanta os Pastores e leva-os a cantar de todo o coração a Deus a sua gratidão!

**2.** Doze anos mais tarde, Maria e José procuram o filho que julgavam perdido, e ali mesmo, no templo de Jerusalém, O encontram ocupado com as coisas do Pai. Ali se recompõe e se alarga o quadro da família Nazaré, com o Menino Jesus a crescer, submisso, no amor ao Pai que está nos céus, e em obediência filial, à autoridade parental de Maria e José! E Jesus cresce, com eles, em todas as dimensões do desenvolvimento da pessoa humana: “em sabedoria, em estatura e em graça”. Maria, por sua vez, “guarda todas as coisas no coração”, qual arca da sua memória, laboratório silencioso da sua eterna gratidão!

**2.** Do cruzamento destes variados quadros “familiares” do Natal, gostaria, nesta Festa, de ressaltar duas virtudes, que vos proponho, como deveres de casa, para a edificação de uma autêntica família cristã: a gratidão e a gratuidade!

**2.1.** Comecemos pela **gratuidade**, uma vez que as relações, entre os membros da comunidade familiar, hão de ser sempre inspiradas e guiadas precisamente por esta lei da «*gratuidade*», o mesmo é dizer, por esta capacidade generosa de cada um ser e estar para os outros, ao seu serviço, por graça e de graça. Isso significa também que cada pessoa, na família, há de sentir que vale por si, conta pelo que é, em si mesma, e na relação com os outros. Na família, a pessoa não pode ser avaliada, em primeiro lugar, pelo seu “desempenho escolar”, pelo seu “potencial económico” ou pela sua “capacidade produtiva ou reprodutiva”! A família deve oferecer um ambiente que respeite e favoreça, em todos e em cada um, “*a dignidade pessoal, como único título de valor***”** (FC 43)! De modo que os pais honrem os filhos, amando-os simplesmente por que existem e por aquilo que são. Assim, “*a família, mais do que qualquer outra realidade social, tornar-se-á o ambiente onde a pessoa pode existir «por si mesma», mediante o dom sincero de si*” (Carta às Famílias, 11)! Isso torna-se evidente, no acolhimento cordial, no encontro e no diálogo, na disponibilidade desinteressada, no serviço generoso, e na solidariedade profunda, que se há de viver entre as pessoas da mesma família.

Enquanto comunidade de amor, a família encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer. O dom de si inspira o amor mútuo entre o casal e deve pôr-se como modelo e norma nas relações entre irmãos e entre as diversas gerações que convivem na família. “*Numa sociedade desagregada por interesses egoístas, os filhos devem enriquecer-se, (…) no sentido do verdadeiro amor, como solicitude sincera e serviço desinteressado para com os outros, em particular dos mais pobres e necessitados*” (cf. FC 37). Não se poderá pedir, aos de fora, à sociedade, à Igreja, ao Estado, que cuide bem e gratuitamente dos nossos, (filhos, irmãos, pais e avós), se nós próprios não desenvolvemos, a partir do seio familiar, relações desinteressadas de serviço e entreajuda! Não deixemos, de modo algum, que a família seja contaminada pela lógica do interesse, do lucro, do proveito! A presente crise económica, social e moral, é uma oportunidade e desafio à gratuidade do amor, numa solidariedade concreta, a começar dentro da família!

**2.3.** É desta lei da gratuidade, vivida, em família, desde os inícios da vida, que se pode cumprir-se **o dever da gratidão**, sobretudo, quando os filhos conquistam a sua autonomia e os pais chegam aos “arrabaldes da velhice”! «*Honra pai e mãe*» institui, com vigor e rigor, o quarto mandamento. De facto, “*o respeito pelos pais é feito de reconhecimento àqueles que, pelo dom da vida, pelo seu amor e pelo seu trabalho, puseram os filhos no mundo e lhes permitiram crescer em estatura, sabedoria e graça*” (CIC 2215). Nunca saldaremos esta dívida, precisamente porque a vida, o amor e a fé que recebemos dos pais, e por meio deles, é graça e de graça, (salvo as raras exceções, que contrariam a própria voz da natureza e do correr do sangue)! Por isso, apetece-me dizer: “*Filho, honra o teu pai e a tua mãe. Depois de Deus, são eles os teus primeiros benfeitores, são aqueles que participam, de modo singular, da bondade divina. Por isso: “honra pai e mãe*” (cf. CF, 15)! Não os desonres com tua insolência adolescente, ou com a arrogância juvenil do teu desprezo, pelo seu antigo saber e pelos seus valores tradicionais! Não os desonres com o abandono, a indiferença e o esquecimento, como se os teus pais se tornassem “*fraldas descartáveis*” da tua adultez infantil! Olha que a gratidão é a memória do coração! E onde não há gratidão, o amor não respira!

Que a Sagrada Família de Nazaré nos ajude a fazer, com gosto e alegria, estes “deveres de casa”, para edificarmos assim a nossa família como “verdadeira escola de gratuidade e casa de gratidão”!

**Homilia na Festa da Sagrada Família B 2008**

**1.** Sem pressa de ser grande, «*o Menino crescia e tornava-se robusto, enchendo-se de sabedoria*»! Primeiro que a sinagoga de Nazaré, e muito mais do que no Templo de Jerusalém, Jesus viverá, como um desconhecido e passará trinta anos de silêncio, praticamente em casa, na sua família de Nazaré. Não foram os doutores da lei, portanto, que o encheram de sabedoria. Nem os mestres em Israel, que o guiaram no caminho da justiça. É, no seio de uma Família, entre o silêncio da escuta, a ternura do amor e o esforço do trabalho, que Jesus cresce, como o filho do carpinteiro e como Filho Único de Deus. É nesta família, que se cria, ao longo do tempo, o filho de Deus, gerado desde toda a eternidade. É uma longa aventura, a de Jesus, com 30 anos de casa e apenas três de vida pública! No seio de uma família, «*Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura, e em graça, diante de Deus e dos homens*” (Lc.2,52). A família de Nazaré torna-se assim o principal ponto de partida de toda a vida e missão de Jesus.

**2.** Olhamos hoje para a nossa realidade familiar e temos sérias dificuldades em encontrar semelhanças, com a de Nazaré, como se o modelo estivesse esgotado ou fora de prazo! Então, começamos - regra geral - pela ladainha da crise da família, para acabarmos a conversa a discorrer algumas teorias, sobre o que a Igreja e a sociedade deviam fazer pela família! Talvez fosse tempo de mudar o rumo e a perspetiva e de pôr a questão, ao contrário: ***o que pode a família fazer pela Igreja e pela sociedade?***

Vai nesse sentido a Mensagem do Bispo do Porto, às famílias, neste Natal de 2008. Diz Dom Manuel Clemente, por exemplo, a respeito do papel social das famílias: *“Efetivamente, quando a sociedade é abalada por problemas graves de subsistência de muitos, e de desenvolvimento geral, as famílias cristãs têm de ser as primeiras a reforçar os laços internos e externos de solidariedade e partilha, olhando os vizinhos de perto ou mais longe, com olhos de fraternidade ativa*”. E concretiza: “*veja cada família cristã, prédio a prédio, rua a rua, como pode levar aos outros uma palavra de esperança e um gesto de conforto e de paz***”.** Com vista à Missão 2010, diz ainda: “*Sei por experiência muito próxima, o que podem fazer as famílias cristãs, quando se tornam evangelizadoras dos seus vizinhos, e vejo nisso um campo prioritário para a nova evangelização que tanto urge*”. De facto, se estivermos mais atentos descobriremos que é possível continuar a contar com as famílias, não apenas como alvo, mas também como agentes da evangelização.

**3.** Foi assim, com São Paulo. Casa e família eram, na sua missão, ponto de encontro, ponto de chegada e de partida. Sabemos bem que, na sua rede, de ação e de colaboradores, não faltaram a São Paulo casas e casais, famílias cristãs, que se tornaram verdadeiro berço da Igreja nascente, autênticas «*igrejas domésticas*». O caso de Áquila e Priscila é, a esse título exemplar. Este casal desempenhou um papel importantíssimo, no âmbito da Igreja primitiva: recebia, na própria casa, o grupo dos cristãos, quando eles se reuniam, para ouvir a Palavra de Deus e para celebrar a Eucaristia. Vê-se por isto, como “cada família se pode se transformar *numa ”pequena igreja”*. E só nessa medida, é que a Igreja se converterá numa grande família!

**4.** Também nós contamos convosco, queridos casais, queridas famílias, para ganhar outras pessoas para a fé, para arrastar os cristãos, que cederam ao cansaço ou abandonaram a Igreja! «*O caminho é difundir verdadeiramente o Evangelho, de casa em casa, de coração a coração. Não basta reformar, por fora, estruturas e edifícios; é preciso reformar por dentro, mudar o coração, acendê-lo com a luz nova de Cristo e do seu Evangelho*» (Cardeal Karl Lehmann, 2004)! Respondei e correspondei ao desafio do nosso Bispo do Porto, que vos diz: “*Conto muito convosco em 2009, rumo à grande Missão 2010, que vos terá como protagonistas na primeira linha, aí mesmo, onde Deus quer salvar o mundo, através das famílias*”!

**5.** Como primeiro exercício de corresponsabilidade na missão, peço, desde já, às famílias aqui presentes, que sejam portadoras desta Mensagem do nosso Bispo. Levem-na aos vossos casais e amigos, aos moradores da vossa rua, do vosso bairro, da vossa urbanização ou cooperativa de habitação… Interpelai os outros casais! Oferecei a vossa casa, como lugar de reunião e de oração. Criai redes de ligação e de comunhão entre vós e com a nossa Igreja.

No limiar da segunda década do terceiro milénio, e neste ano Paulino, São Paulo continua a esperar das famílias, o amável convite de Lídia, em Filipos*: «Se me considerais fiel ao Senhor, vinde ficar a minha casa»* (Act.16,11-15). E foi assim, que o cristianismo entrou pela Europa dentro.

Queridas famílias: Deixai agora, Paulo entrar em nossas casas, para nelas gerar novos e velhos filhos, para a fé. Deixai o Apóstolo entrar, para vos dar o Menino a beijar, na Palavra, que ilumina, acalenta e alimenta! Com a Palavra de São Paulo, entrará uma luz que ilumina toda a Casa, a mesma intensa Luz que transformou a sua Vida!

**Homilia na Festa da Sagrada Família A 2007**

**1.** Na história do Menino Jesus, desenha-se já a sombra da Cruz. “*Veio ao que era seu e os seus não o receberam*” (Jo.1,11), disse-o resumidamente São João! Mas São Mateus diz-nos o mesmo, contando-nos mais um dos belos capítulos da história de Natal. Pouco tempo depois do nascimento de Jesus, José foi obrigado a partir de noite para o Egito levando consigo o menino e sua mãe, para fugir à perseguição do rei Herodes (cf. *Mt* 2, 13-15). Através de uma história, o evangelista apresenta-nos e representa-nos o grande drama do medo e da rejeição de Deus, o drama do ateísmo que parece hoje regressar em força. E, por isso, esta é uma “história” que, de modo nenhum, passou à história. Além do mais, como não ver, no drama da Família de Nazaré, obrigada a refugiar-se no Egito, a dolorosa condição de todos os migrantes, especialmente dos refugiados, dos exilados, dos deslocados e dos perseguidos? Deste modo, a Sagrada Família de Nazaré reflete a imagem de Deus, conservada no coração de cada família humana, mesmo se desfigurada e debilitada pela migração.

**2.** Podíamos, por isso, falar hoje e aqui do drama da rejeição de Deus ou das dificuldades das famílias emigrantes no estrangeiro ou das famílias estrangeiras, imigradas em Portugal. Mas, ainda em tempo de Natal, eu gostaria sobretudo de destacar este “gosto” de São Mateus, por nos descrever o Natal, contando-nos uma história, que é, ao mesmo tempo, presente do passado e presente do futuro. Imagino, mais tarde, Maria e José, uma vez regressados a Nazaré, a contar ao Menino, tudo o que viram e ouviram, a aventura desta fuga, e com ela as memórias do longo sofrimento vivido pelo Povo de Deus no Egito, as alegrias inefáveis do regresso a Casa, e, em todas as vicissitudes do caminho, a manifestação poderosa do amor libertador de Deus. Deste modo, as histórias da própria vida e a história do povo de Deus se cruzam, numa mesma história de salvação, conduzida pelo amor sapiente e paciente de Deus. Que salutar ciência e ancestral arte esta de contar a história da nossa vida, que, de algum modo, se vê e revê na história daquela família, daquele Menino, daquele Povo.

**3.** Deixem-me por isso, contar-vos uma pequena história, descrita por Elie Wiesel, no seu livro “*As portas da floresta*”. Nela se conta que o grande Rabbi Israel Baal Shem-Tov, ao ver a desgraça a ameaçar os judeus, costumava dirigir-se a um determinado lugar na floresta para meditar. Quando lá chegava, acendia uma luz e dizia uma oração apropriada; o milagre realizava-se e a desgraça afastava-se. Mais tarde, quando a desgraça voltava a ameaçar, o seu célebre discípulo, Magid de Mezeritch, dirigia-se para o mesmo lugar, na floresta, e dizia: «*Senhor do universo, escuta! Não sei acender a luz, mas ainda sou capaz de dizer a oração*». E o milagre realizava-se outra vez. Mais tarde ainda, Rabbi Moshe-Leib de Sassov, para salvar uma vez mais o seu povo, dirigia-se para a floresta e dizia: «*Não sei acender a luz, não sei a oração, mas sei o lugar e isto será suficiente*». Era suficiente, e o milagre voltava a realizar-se. Aconteceu depois vir a desgraça sobre Rabbi Israel de Rizhin. Este sentou-se na sua cadeira de braços, pôs a cabeça entre as mãos, e falou a Deus: «*Já nem sequer sei encontrar o lugar na floresta. Tudo o que posso fazer é contar a história, e isto deve ser suficiente*». E era suficiente.

**4**. Caros irmãos e irmãs: A história de Elie Wiesel falava da realização fácil de um milagre, que tinha a ver apenas com *saber um lugar, acender uma luz, dizer uma oração*. Mas falava também de como, pouco a pouco, de geração em geração, se foi perdendo sucessivamente esta arte e esta ciência de *acender a luz, de dizer a oração, de saber o lugar*, tendo ficado apenas a história que se contava. E o certo é que bastava contar a história para que o milagre se repetisse.

**5.** A história de Elie Wiesel pode aplicar-se ao nosso Natal deste ano de 2007. Todos fazemos uma festa em nossa casa, montamos um presépio ou colocamos uma árvore iluminada à janela ou no jardim, fazemos muitas compras, gastamos muito dinheiro, oferecemos e recebemos muitas prendas, e por toda a parte há mais música e luz. Mas, se já muitos de nós não sabíamos *o lugar, nem acender a luz, nem dizer a oração*, parece-me agora que uma parte significativa desta geração também já nem sequer sabe a história do Natal ou rapidamente a começa a esquecer. Estaremos perante um grande empobrecimento cultural e espiritual se amanhã as crianças começarem a pensar que o Natal é só compras e prendas, e já nada souberem do Menino nascido em Belém há mais de 2000 anos e que veio trazer Deus ao mundo realizar a maior revolução de que há memória no coração da humanidade! Se nós já não sabemos contar a história, haverá com certeza cada vez mais só compras, prendas, doces e sorrisos, e pais-natais nos hipermercados, mas o milagre não acontecerá. E Natal sem milagre, que Natal é?

**6.** Pais e mães: Contai a verdadeira história do Natal aos vossos filhos, para que haja milagre em vossas casas. E por que não pedir ajuda aos avós?! Eles dão às crianças a perspetiva do tempo, são memória e riqueza das famílias. Ao contardes a história do Natal, acabareis por contar a história do vosso amor, da vossa família, da vossa fé, dos vossos Natais, com todas as fugas, medos, aventuras, noites frias e escuras, esperanças e corações ardentes. E se a contardes bem, vereis que estareis a contar a mais bela história de Amor, que algum dia aconteceu.

**Homilia na Festa da Sagrada Família 2006**

«*Filho, porque procedeste assim connosco?  
Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!*»

**1.** Pais aflitos, à procura de um Filho, pelos vistos tranquilamente desassossegado no seu *admirável mundo novo*, bem no coração da cidade santa de Jerusalém. Pais aflitos, procuram o Filho, como quem tem de aprender, a ser pai e a ser mãe, agora de outra maneira. E o Filho, já crescido, que, sem darem conta, deixara de ser Menino Jesus, surpreende os pais com uma declaração de independência: «*Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai*?» Maria e José partilham assim a aflição e a procura dos pais de hoje: pais com dúvidas sobre o modo correto de educar, pais atentos e com vontade de fazer o melhor que sabem e podem, mas ainda assim, pais perdidos no mar desconhecido do relacionamento com os filhos, desde a infância, mas sobretudo a partir da adolescência.

**2.** Eu gostaria hoje, de me pôr na pele destes *pais aflitos* e ajudar, com mais um Decálogo, *a lavrar este mar desconhecido e tumultuoso do relacionamento com os filhos.* E, à luz do Evangelho de hoje, abrir horizontes de esperança e de confiança, na sua missão educativa.

**1º.** *Intervir na infância*. A criança estabelece relações de proximidade, vínculos de afetividade, de respeito e de autoridade, já a partir do útero e desde o leite materno. A ligação com os filhos é, por isso, a base mais segura, para o desenvolvimento da sua capacidade de conhecer, de amar e de se relacionar. Pelo que vale mais a presença atenta, simples e gratuita dos pais, que todos os presentes bem embrulhados.

**2º.** Os pais devem desenvolver, desde o nascimento, uma *empatia calorosa* com os filhos, onde se conjuguem, de modo equilibrado, o amor e a disciplina, a proteção e o controlo, a compreensão e a correção, a atenção a cada um e o sentido do outro. A autoridade dos pais constrói-se nesta relação.

**3º.** A este respeito, importa *compreender e aceitar que cada filho é único*, diferente na ordem do nascimento, da saúde, do temperamento, da inteligência, do sucesso. Mas também é verdade que, não obstante as acentuadas diferenças, os filhos são iguais. E são iguais porque são irmãos. E são irmãos, não em função daquilo que *são ou daquilo que têm*, mas em função daquilo que primeiro lhes foi dado e feito, em função de um Amor que está na sua origem: o amor dos pais e o amor de Deus. A experiência do amor, é antes de mais a experiência de ser amado!

**4º.** Os pais têm de aprender a estabelecer limites, para os filhos, e logo desde o nascimento. O mesmo olhar que cuida e protege, também proíbe, censura, adverte, corrige, de modo a que a criança não se sinta o centro do mundo e o rei da casa, até se tornar o tirano da família. Sem limites, a criança incha de importância e chega à adolescência incapaz de perceber que “*o mundo está muito para além do seu umbigo*”!

**5º.** Para tomar consciência dos seus limites e para saber como se comportar, a criança precisa também de r*egras, rotinas, horários, hábitos e disciplina, rituais e tradições*. Ambiente organizado, regras claras, responsabilidades atribuídas, são o modo mais eficaz para favorecer a autonomia e consolidar a auto estima dos filhos; as festas de família, as festas religiosas, a celebração dos aniversários, merecem ser assinalados e ajudam a família a crescer na sua identidade e proximidade. Também a este respeito nos dão um belo “*os pais de Jesus que iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa*”.

**6º.** Um diálogo, de cinco minutos, com os filhos, vale mais do que dezenas de horas no psicólogo. Os pais são, sem dúvida, os melhores terapeutas dos filhos, pela simples razão de serem quem os conhece melhor. Este diálogo ganha, sempre que diminuir a crítica e se preferir a apreciação estimulante. Quanto ao diálogo com as crianças, porque não retomar a tradição de ler ou contar uma história às crianças? Quantas vezes, tensas e caladas, as crianças conseguem, por este meio, exprimir emoções, afetos, vivências.

**7º.** É importante dialogar, explicar, justificar atitudes e comportamentos, em relação aos filhos. Mas há situações, na infância e talvez mais ainda na adolescência, que não são discutíveis nem negociáveis: um filho não pode usar linguagem obscena em nenhuma circunstância; as questões de saúde e de segurança dos filhos, são inegociáveis e por isso quando os pais não têm conhecimento certo do *programa, da companhia e do destino*, têm de dizer “não”, mesmo correndo o risco de que o seu filho seja o único a não participar em tal atividade. Neste campo das “*saídas*”, mais vale, aos pais, pecar por rigor, do que falhar por desleixo. Maria e José “*começaram a procurar Jesus entre os parentes e conhecidos. E, não O encontrando, voltaram a Jerusalém, à sua procura*”. Em caso nenhum, a democracia na família derruba a hierarquia. Assim, o normal é que sejam os pais a ter a última palavra. Vede como, apesar da sua resposta ousada e surpreendente, o Adolescente Jesus “*desceu então com Maria e José para Nazaré e era-lhes submisso*”.

**8º.** Por causa de um “*não”*, os pais têm, muitas vezes, de suportar o desamor temporário dos seus filhos, porque a criação de um limite e a frustração daí resultante são essenciais para o futuro da criança, sobretudo na adolescência. Educar não é estar sempre a premiar e a gratificar os filhos, muito menos esperar que os filhos nos confirmem como *bons pais* e nos alimentem do afeto; educar é fazer a pessoa sair de si mesma, fazê-la olhar o outro, acolher os outros. E isso implica conduzir, frustrar, transmitir valores. Custe o que custar.

**9º.** Importante, sempre, é responsabilizar os filhos, por atividades adequadas à sua idade: arrumar o quarto, pôr a mesa, etc. Também o adolescente, precisamente porque não é nenhum doente e muito menos um demente, deve ser estimulado a responsabilizar-se por tarefas, a assumir responsabilidades, a fazer opções. Assim aprende a ser adulto.

**10º.** Não podia esquecer, por último, como é importante melhorar a comunicação entre a Escola e a família, entre a Família e a Igreja, entre a Família e Deus.

Nenhuma família pode, por si só, dar tudo o que os filhos precisam para crescer, como Jesus, *em sabedoria, em estatura e em graça*! Contai connosco. Contamos convosco. Deus esteja com todos vós e abençoe as nossas famílias!

**Homilia na Festa da Sagrada Família A 2004**

**1. *Este Natal, faça parte dos presentes!*** É um interessante apelo de uma campanha publicitária, a favor da segurança rodoviária nas estradas portuguesas. Este *slogan* entra no mais íntimo desejo, capaz de encurtar todas distâncias: o desejo *de ser e de estar presente*, reunido em família, na noite de Natal. Espera-se por cada um, como se fora o presente mais belo do Natal. Fazem-se longas viagens, para uma noite longa e fria de consoada, em família, na expectativa de ter à porta, dois braços abertos, um olhar de saudade, e lá dentro um colo quentinho. Por coisas tão simples como a ternura e a presença, partimos e voltamos, em longas viagens, como se Natal e Família fossem uma coisa só!

**2.** E, de facto, o quadro do Natal, é impensável sem uma família, *a Família de Nazaré*, sem *Jesus, Maria e José*. Não há presentes, na noite de Natal, em Belém, a não ser os presentes. Para Maria e José, o presente é Jesus; para Jesus, os primeiros presentes são os seus pais. Doravante, toda a vida familiar de Maria e José, decorre de modo ordinário, comum ao de todas as famílias. O que distingue é que se trata de uma vida doméstica, *centrada na presença extraordinária e maravilhosa do Senhor, no meio deles!*

**3.** Perguntareis, porventura, como se pode refletir, no nosso ambiente familiar e quotidiano, esta *vida centrada na presença do Senhor*?

São Paulo ilustra-o muito bem. Dirigindo-se aos cristãos, «*como* *eleitos de Deus, santos e prediletos*», dá-lhes recomendações práticas, de uma vida doméstica no Senhor: «*tudo o que fizerdes, fazei-o em nome do Senhor, dando graças por Ele a Deus Pai*»! Eu diria e resumiria, este conjunto de apelos à vida doméstica, simplesmente como uma *vida eucarística*.

**4.** Senão, recordai comigo apenas três dos seus pedidos:

a) “*Reine em vossos corações a Paz de Cristo, à qual fostes chamados para formar um só Corpo”*. A Eucaristia começa, acontece, e acaba por ser o verdadeiro encontro e a reunião da *família de Deus*. “Através da Eucaristia, a família cristã celebra a sua comunhão com Cristo, identifica-se com Ele, compromete-se a segui-lo numa entrega de amor, sem limites” *(CEP, A família, 53)*; “à volta da Eucaristia, são purificados e reforçados os laços do amor e da unidade” (Ib.,32) entre os próprios casais, entre os pais e filhos. Na Eucaristia, o casal aprende de Cristo um amor esponsal, capaz de dar a vida, até ao fim. Na Eucaristia, pais e filhos, aprendem da comunidade, a alegria de estarem juntos, a vontade de se unirem e reunirem, para estarem presentes uns aos outros, começando sempre por se *perdoar mutuamente*! “*O Pão eucarístico faz dos diversos membros da comunidade familiar um único corpo*” (Fam. Cons. 57)!

b) “*Habite em vós a Palavra de Cristo, para vos instruirdes e aconselhardes uns aos outros*”. Na Eucaristia, cada membro da família, acolhe a mesma Palavra, que ilumina tantas situações da vida, que pode aconselhar nas dúvidas e escolhas, que encoraja nas dificuldades. Um casal que ouve a mesma Palavra, cresce no mesmo sentido e na beleza do seu matrimónio; uma família que sintoniza pela *escuta da mesma Palavra*, constrói a sua casa sobre a rocha. E resiste a todas as tempestades (cf.Mt.7,24-27)!

c) “*Vivei em ação de graças; cantai a Deus a vossa gratidão*”. Não é a Eucaristia, senão e por definição “*ação de graças*”. Dela, pais e filhos, hão de aprender, a dar graças sempre, *na alegria e na tristeza, na saúde e na doenç*a, *todos os dias da sua vida*… e a dar graças *em toda a parte*, em casa e na Igreja, na viagem e no trabalho.

Da Eucaristia, a família aprenderá o louvor, em vez do queixume, remédio santo para o ciúme; a gratidão, em vez do lamento, que elimina na raiz o azedume; a gratuidade, em vez do interesse egoísta, capaz de acolher os que não se mexem, não produzem ou não dão lucro!

5. Viver em Eucaristia, «*em ação de graças*» fará com que cada um, neste Natal e todos os dias, seja acolhido como um dom para o outro *e faça parte dos presentes*! Mesmo daqueles que, por isto ou por aquilo, nos custam tanto a desembrulhar!

**Homilia na Festa da Sagrada Família de Nazaré 2003**

Uma família sagrada e nem por menos descuidada! Uma cena “pouco edificante”, diríamos hoje, com Maria e José, angustiados, à procura do Filho único, de quem, distraidamente, se perderam! Mas uma cena que, de certo modo, nos serve de anúncio e resumo, para as cenas dos próximos episódios da vida pública de Jesus, que culminarão precisamente, um dia, com a perda, a morte e a entrega de Jesus ao Pai, em Jerusalém.

**I.** Mas esta é, aliás, e se bem reparais, a **única página do Evangelho**, em que entram em cena, ativa, consciente *e simultaneamente* os três membros da Sagrada Família: **Jesus, Maria e José**. Até aqui Jesus ainda nem sequer falar. A partir daqui José descerá ao silêncio, provavelmente ao silêncio da morte. Só aqui estão os três membros da família de Nazaré.

**1.** E que une, afinal, nesta cena as três figuras da Sagrada Família? Eu vejo uma só coisa: ***a procura de Deus***. Todos, Jesus, Maria e José, se movimentam na mesma *procura de Deus*.

**Maria e José procuram ambos** com angústia e paixão o rosto de Deus. Eles **procuram**, nas expressões do rosto do seu Filho em mudança, e ainda sem o saberem, “Aquele em quem reside corporalmente a plenitude da divindade” (Col.2,9). **Procuram**, sem tempo a perder, Aquele que, desde a eternidade é o Verbo de Deus. **Procuram**, pelos caminhos e nos lugares de peregrinação e de oração, Aquele que é o Senhor do Céu e da Terra e que nenhum Templo podia conter. **Procurarão** o seu Deus, dia a dia, na casa de Nazaré, onde o Filho “*lhes é submisso e cresce em sabedoria, em estatura e em graça*”.

**2. E também Jesus procura**. Procura o Pai que está nos Céus. Procura as coisas do Pai na Terra. Pela primeira vez que o ouvimos falar, fala-nos do Pai. Sem que os pais o possam ainda entender. Aliás só o entenderão no último episódio, quando repetir na Cruz a última e a primeira palavra: «Pai». Jesus vive, permanentemente, fascinado pelo Pai, «pelas coisas do Pai», pelo Templo e pela Palavra. Não sai dali, entre os doutores da Lei. Por ali fica três dias encantado, interrogando e escutando insaciavelmente os Mestres de Israel que lhe falavam do seu Deus.

**II.** Eis, à luz deste episódio, três indicações úteis para um programa de vida familiar e paroquial.

**1.** A família é chamada a fazer da sua casa, verdadeiro “**templo**”: lugar sagrado do crescimento, “em sabedoria, em estatura e em graça”; a fazer da casa o lugar onde, na doçura de afetos serenos e intensos, se deve antes de mais, procurar e ver a Deus, o Deus que é afinal e simplesmente «Amor».

Por isso, antes ainda de “falar com Deus” ou de “falar sobre Deus”, é a linguagem dos afetos e a ternura do amor, a palavra primeira e visível do amor e da bondade de Deus. Insisto na ternura dos afetos, sem sequer temer o excesso, num tempo em que a própria afetividade com as crianças, entre pais e filhos, aparece sob a suspeita das piores intenções. Que isso não nos ate os braços para os abraços. «*Que são os braços, senão o coração em dois pedaços*» (T. Pascoaes). Pai e Mãe, pais e filhos, irmãos e irmãs, procurem nos laços apertados da família, os elos mais estreitos da procura e da manifestação de Deus.

**2.** A função educativa dos pais não se limite a «*vigiar*» sobre a vida dos filhos, orientando-os para um projeto, que não tiveram outrora a possibilidade de ver realizado. Pelo contrário, é preciso até não ter medo de “*perder os filhos*” para outros, no sentido de os ajudar a encontrar o seu próprio caminho, a dar a sua própria resposta, aos apelos de Deus. Nem que isso possa significar, na família, uma rutura com os laços naturais, ou com os costumes e valores tradicionais. Não raro, são os filhos, crianças ainda, que interpelam os pais para os valores do sagrado, para a prática da fé e da oração, para a descoberta de Deus, chamando-os à Igreja, pedindo a sua companhia no Templo, reclamando a sua participação na Catequese. Se os pais se ocuparem com os filhos «*das coisas do Pai*» tornar-se-ão então não só mais “família de sangue”, como sentirão Deus mais «familiar» e todos juntos se tornarão mais “*familiares de Deus*”.

**3.** Quando os laços de sangue são assim animados pelo vínculo da fé, quando na família todos se sentirem «*familiares de Deus*», então também a paróquia poderá tornar-se uma «***família de famílias***». É um belo desafio este! Mas quando formos de capazes de nos rirmos, de rezarmos e de brincarmos juntos, de comermos e de refletirmos em comum, esse ideal estará mais próximo da realidade. A família de Nazaré dá-nos a certeza de que, mesmo na confusão da cidade, é possível encontrarmo-nos no mesmo lugar, se todos procurarmos o mesmo: Jesus, em nossa casa, Deus no centro das nossas vidas.

**Homilia na Sagrada Família de Nazaré 2002**

**1.** Não nos parece deste tempo a **família de Nazaré**, de Jesus, de Maria e José. Temos, afinal, uma Virgem que é Mãe. Um Pai, chamado a sê-lo, por adoção. Um Filho Único, com tantos irmãos. Diríamos que em Nazaré, **os laços de sangue**, correm pelas **veias da fé**. Maria e José, tão distintos, encontram-se plenamente no olhar cruzado das suas vidas, sobre o mistério do seu filho Jesus. Os seus corações entrelaçam-se, fortemente, nesse único fio da vontade de Deus, a que se entregam inteiramente, de corpo e alma, seja na luz da noite, seja na obscuridade de cada dia. Na família de Nazaré, **o sangue** parece o elo mais fraco. E a **fé torna-se o elo mais forte**, pelo qual se unem e se encontram cada uma das pessoas, todas elas centradas no único desejo comum de cumprir fielmente a vontade de Deus e de realizar o seu projeto.

**2.** Esta **dimensão da fé** precisa hoje de ser muito cuidada pelas nossas famílias. Num tempo, em que os próprios laços de sangue, parecem já não fundar a autoridade dos pais, nem resistir ao assédio do amor-próprio, é preciso unir a família, fundando-a em alicerces bem mais firmes. Cristo, nas suas próprias palavras, se apresentou, um dia, como a «**rocha**» (Mt.7,24) e fundamento desta construção familiar, que precisa de assentar em valores eternos, para encontrar o seu verdadeiro suplemento de alma.

**3.** Nesse sentido, queria hoje lembrar às famílias o seu primeiro, irrenunciável e insubstituível papel na experiência e na **educação da Fé** (G.E. 3; F.C. 36). Foi aliás esse o compromisso assumido no **dia do matrimónio**: «*Estais dispostos a receber os filhos, como dom de Deus e a educá-los, segundo a lei de Cristo e da Santa Igreja*», pergunta-se aos noivos. E **no dia do Batismo** dos filhos, são interrogados os pais: «*Pedistes o batismo para o vosso filho. Deveis educá-lo na fé, para que, observando os mandamentos, ame a Deus e ao próximo, como Cristo nos ensinou. Estais conscientes deste compromisso*»?

O «*sim*» dado, numa e noutra circunstância, destina-se a transformar a família, numa Igreja doméstica (LG 11; F.C. 49), verdadeira e primeira escola de vida evangélica, onde os filhos possam crescer, como o Menino, “em sabedoria, em santidade e em graça” (Lc.2,52).

**4.** Nesta Educação da Fé, tem lugar privilegiado a **oração familiar** (F.C. 59) a oração **feita em comum**, marido e esposa, pais e filhos, juntos. É uma oração que deve partir sobretudo da própria **vida de família**, em todas as suas diversas fases: alegrias e dores, esperanças e tristezas, nascimento e festas de anos, aniversários de casamento dos pais, partidas, ausências e regressos, escolhas importantes e decisivas, a morte de pessoas queridas, etc. Rezando, muito particularmente nesses momentos, todos perceberão melhor quanto eles assinalam a intervenção do amor de Deus, na história de cada família, assim como devem marcar o momento favorável para **o silêncio**, para a ação de graças, para a súplica, para o abandono confiante da família ao Pai que está nos céus. **É maravilhoso descobrir a proximidade de Deus numa família que aprende a rezar**. Jesus nunca mais se esquece de nós, conhece e partilha todas as nossas dificuldades, acompanhar-nos-á nos nossos esforços para aprendermos a dialogar com o Pai. A Oração de um pai e de uma mãe, em união com os filhos, é portanto uma ocasião excecional para fazer a experiência da extraordinária proximidade de Deus (cf. F.C. 59).

5. **Só rezando** em conjunto com os filhos, **o pai e a mãe**, **educam para a oração** (F.C. 60); só assim, entram na profundidade do coração dos filhos, deixando marcas que os acontecimentos futuros da vida não conseguirão fazer desaparecer. Dedicar **um espaço diário à oração em família** é compreender que o encontro com Deus é o acontecimento mais importante e significativo de cada um dos nossos dias.

Deixai então que vos pergunte: «Pais, ensinais e rezais com os vossos filhos, as orações do cristão, a começar pelas **fórmulas mais simples**, do Pai Nosso, da Avé Maria, do Glória, do Anjo da Guarda? Além das brevíssimas **orações da manhã** e da **tarde,** e para já não falar da leitura e meditação da Palavra de Deus, porque não tentar a simples **bênção da mesa, sobretudo ao domingo e em dias festivos**? No respeito pela liberdade dos filhos de Deus, é de sugerir aqui também a recitação do Terço do **Rosário, “**como ajuda eficaz para conter os efeitos devastantes desta crise de valores da nossa época**”** (R.V.M. 6). **O Rosário** por ser, de certo modo, uma *oração repetitiva*, acaba por criar um clima adequado de oração, que se faz ao ritmo dos batimentos e do respirar do próprio coração. Por ser uma *oração, a mais sabida* e conhecida, facilita mais a participação de todos os membros, a uma só voz. Por estar tão ligada à meditação dos episódios da vida de Jesus, torna-se uma espécie de “compêndio do Evangelho” (M.C.42).

6. Há que rezar bem em casa, para se **rezar melhor com a Igreja** (F.C. 61). Rezar bem na Igreja, para **rezar melhor em casa**. Encontramos hoje crianças – e não são outras senão as vossas - que chegam ao primeiro ano da Catequese, sem nunca terem feito qualquer experiência de oração. Crianças, que nunca tiveram um minuto de silêncio em casa, para uma breve paragem ou miragem, para olhar um crucifixo, para beijar uma imagem, para pedir uma bênção para o dia que têm pela frente, ou para agradecer um dia que passou, ou enfim para interceder por alguém, que precisa de apoio. Ora é na família que deve ter lugar **a prática inicial da oração**, de modo a facilitar a própria **participação na Oração litúrgica de toda a Igreja**.

7. O que também – diga-se - é, de todo, impossível se a família, pouco a pouco, não leva as suas crianças a **participar na Eucaristia dominical**. E essa é a forma mais prática de os educar quanto à forma de entrar na Igreja, em silêncio e sem correr, quanto ao modo de venerar o altar, de reverenciar a cruz, de ajoelhar e a saudar Jesus, presente no sacrário. A própria família, nos seus **passeios e férias**, ao **visitar uma Igreja**, deve aproveitar a circunstância para advertir os filhos da diferença daquele lugar. E ali rezar com eles.

**8.** Para tudo isto, é preciso começar por **um silêncio**, no qual se oiça a funcionar o motor do frigorífico ou o tic-tac dos ponteiros do relógio ou o bater leve da chuva na vidraça ou até o latir dos cães lá fora. Para depois ouvir, quiçá na cadência ritmada de algumas poucas ave-marias, o respirar do próprio Senhor, o som dos Seus passos, no jardim da nossa vida, nos cantos e recantos da nossa casa.

**9.** Que Jesus, Maria e José abençoem as nossas famílias e as ensinem a rezar, sem desanimar. Recordai: deste modo construís a vossa família como Igreja Doméstica. E a Paz de Cristo correrá como um rio e reinará para sempre em vossos corações. Assim seja.

**Homilia na Festa da Sagrada Família A 2001**

**«Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe e foge para o Egito».**

**1.** Uma criança inocente, em fuga, um bebé, recém-nascido, ameaçado de morte. Jesus, o Menino, tem de partir e fugir, como exilado, refugiado, emigrante, por causa do ciúme, do medo e da mesquinhez de Herodes. “N'Ele, podemos reconhecer os traços *de cada ser humano pequenino que vem à luz*, independentemente da raça e nação a que pertença: é o pequenino palestiniano e o pequenino israelita; é a criança americana e a criança afegã; é o filho do hutu e o filho do tutsi... *seja a criança que for, para Cristo é sempre alguém”*. Hoje, e nesta Festa da Sagrada Família, vamos ter no pensamento, todas as crianças do mundo: há tantas, demasiadas, crianças que, como o Menino Jesus, nascem condenadas a sofrer, sem culpa, as consequências de desumanos conflitos.

**2. “**E foram exatamente os olhares magoados das crianças que sofrem por causa do mundo dos adultos, com que nos temos chocado, nas últimas semanas, que me sugeriram falar-vos hoje das crianças: rostos assustados, marcados pelo medo; rostos ansiosos, retalhados pela incerteza; rostos magoados, porque feridos na sua inocência; mas rostos onde reluz um olhar, marcado pela esperança. Crianças marcadas pelo mal do mundo. Crianças que fogem da guerra, que definham famintas, que choram a agressão dos abusadores sexuais. Todo o mal do mundo aumenta a sua dramaticidade quando se espelha no rosto de uma criança. Chocaram-nos, particularmente, as crianças assustadas, perdidas no medo. O medo é um sentimento destruidor, ausência de confiança, carência de apoios que suscitem segurança. Uma criança com medo nunca pode sorrir.

**3.** Um jornal diário relatou, há dias, uma história comovente, no contexto da guerra do Afeganistão: Amin é uma criança de 11 anos. Regressa à aldeia, vinda do campo. A sua casa está destruída, a sua irmã morta, o pai pede socorro, o resto da família desaparecida sob os escombros dos bombardeamentos. Amin socorre o pai, consegue arrastá-lo para cima de uma carroça e parte à procura de ajuda. Mas também o pai morre logo no início do percurso. Amin não volta a casa, tem medo, enceta o longo caminho dos refugiados, percorre algumas centenas de quilómetros, até um campo de acolhimento, perto da fronteira. Encontra no campo uma mulher e pergunta-lhe: *não queres ser minha mãe?* A resposta não se faz esperar: *porque não?* O marido está de acordo; é mais um filho a juntar aos outros quatro. Refugiados também eles, acabavam de se inscrever no campo. Voltam lá para inscrever Amin, que ainda não sabe os seus nomes, mas já sabe que tem novos pais e que nunca mais os abandonará. A grandeza da mulher mãe, cujo coração não tem fronteiras e cuja ternura não se esgota, independentemente da religião ou da cultura. Perante o drama das crianças no mundo contemporâneo, todas as mulheres são chamadas a ser mães e todos os homens a serem pais, dos filhos que geraram e de tantos outros que os podem regenerar, fazendo renascer em si a alegria e a esperança.

**4.** Mas não é apenas a guerra que assusta as crianças; tantas, apesar da paz exterior e do aparente bem-estar, sofrem de medo, motivado pelos conflitos familiares, medo de perder os pais, medo de verem comprometidas a harmonia e a estabilidade da família. Quantas vezes as crianças andam assustadas, porque os próprios adultos têm medo, e não conseguem disfarçar a insegurança da sua vida. O medo dos adultos transmite-se sob a forma de insegurança.

**5.** Felizmente, nem todas as crianças vivem o drama da guerra, da fome, ou da violência social ou familiar. Certamente muitas viveram convosco o Natal, excitadas na espera dos presentes, e extasiadas com a alegria da Festa. Aprendamos com elas a aceitar, com simplicidade, o mistério do Natal. Nos olhos das crianças, ele é a explosão da ternura de Deus, expressa naquele Menino que nos foi dado e nasceu para nós. Não as privemos de se extasiarem diante do presépio, onde a imagem de Jesus recém-nascido as atrai, sem discutir, tornando-se, para elas o que, afinal, Ele quis ser para todos nós: Deus connosco, Deus perto de nós”.

*“Salvemos as crianças, para salvar a esperança da humanidade*! Reclama-o hoje intensamente aquele Menino nascido em Belém, o Deus que Se fez homem, para nos devolver o direito de esperar”.

**Homilia na Festa da Sagrada Família 2000**

*(Versão menos longa)*

**1.** O Menino tinha crescido e os pais quase nem davam por isso. Habituados a tê-lo preso aos mimos da infância, ignoravam os novos interesses do adolescente, ocupado agora em coisas mais estimulantes, do que as conversas do costume entre pais e amigos, na caravana do regresso da festa. Julgaram, por momentos, perdido o menino. Mas mais perdidos andariam eles, pelos vistos, à procura do Filho, em lugar errado. Aproveito, por isso e mais uma vez, a Festa da Sagrada Família, para uma reflexão. Desta feita, sobre pais e filhos na adolescência, para tentar responder à pergunta: são os filhos que estão perdidos ou os pais que hoje andam à deriva?

**2.** Há, nesta história, como na de muitos de nós educadores, o ir atrás e à frente, o procurar e o nada entender, o ouvir e calar, o já nada saber, diante dos novos caminhos ou atalhos da adolescência. Mas o Evangelho sugere também que esta aflição pode ser «*exagerada*», diminuída ou ajudada, se os pais mantiverem uma *certa vigilância psicológica*, sobre a vivência do adolescente. Isto é, se cuidarem de acompanhar o sentir do filho em crescimento: ajudá-lo a falar sobre o que se passa na escola e no grupo, questioná-lo sobre os seus valores ou as suas decisões... de modo a fazê-lo refletir ou propor alternativas, quando os caminhos lhe aparecerem todos cortados e ele não vislumbrar um atalho salvador. E em vez do medo do grupo, no que ele tem de arriscado e criativo, há que criar um ambiente de diálogo e suporte afetivo, que permita ao adolescente falar sobre os dilemas que vai encontrando no grupo. É disso expressivo o diálogo entre os pais e Jesus: «*Filho, teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*»... «*Não sabíeis que tenho de ocupar-me das coisas de meu Pai*»?

**3.** Não deixa de ser relevante, neste acompanhamento, «*a frequência do Templo*» e «*as discussões com os doutores da lei*»... Maria e José são pais que tanto levam o filho à festa como vão com ele “*à Igreja*”, sem medo de lhes cair o teto em cima. E que o deixam a discutir na «*aula de educação moral e religiosa*» daquele tempo, sobre o sentido genuíno das coisas e da vida. E hoje há espaços privilegiados e necessários, para este confronto e este debate, como sejam a Catequese Paroquial e as aulas de Educação Moral e Religiosa Católicas. Se este espaço de diálogo e discussão está assegurado, talvez não seja caso, para tanto alarme... face à iminência da crise, e possa haver alguém mais que nos ajude a conviver com a dificuldade. Mas ele há pais que consentem na facilidade de nada exigir... e até na irresponsabilidade de não querer saber. Ficam-se pelo «prevenir» em tudo, que acabará, por fim, por não remediar em nada.

**4.** Esses espaços de diálogo faltam muito na família, que foge das questões essenciais, como dos sete pecados mortais, e prefere horas de psiquiatria ao esforço de minutos de diálogo. Podíamos todos, pais e educadores, viver mais sossegados, se tivéssemos mais tempo e preocupação por saber melhor por onde andam e por onde param os nossos filhos. Sem pretendermos fazer parte do grupo, armados em pais muito modernos (*tenhamos juízo!)*, é preciso um certo controlo sobre as atividades dos filhos... medindo bem as suas reações aos novos problemas da vida, aos programas de televisão, aos valores da sociedade. Se acompanhássemos mais os seus comportamentos, ainda que através de uma *supervisão discreta*, talvez não fôssemos nós, no fim, “os apanhados”, de surpresa, geralmente tarde e a más horas...

**5.** Ainda assim, o perigo espreita em cada esquina. E nem os mais santos dos pais - *Maria e José eram-no inquestionavelmente -* escapam à aflição de uma adolescência cheia de dúvidas, fragilidades, medos e contradições. Não faz sentido pensar que os pais são os culpados de tudo, porque há outras influências, que é preciso conhecer e com quem dialogar: o grupo, a escola, a história e a vivência de cada adolescente. Mas cabe-nos acreditar, a sério, no valor da educação, que se não exige da *inteligência*, fará filhos que não passam da ignorância atrevida. E se não crescem *na graça de Deus*, depressa atingirão a *estatura* da arrogância. Jesus ia crescendo em «*sabedoria, em estatura e em graça*». Eis o tripé da educação que se quer ideal, completa, global e necessária!

**6.** A vida, caríssimos pais e educadores - exige-nos hoje e a todos uma submissão muito grande à verdade. E uma aprendizagem muito humilde, em todas as coisas. Não há receitas para ninguém. Nem Maria as tinha, nem eu as tenho para vos dar. Simplesmente– diz o Evangelho - *«Ela guardava todas as coisas no seu coração»*. Isto é, tentava perceber o nexo entre as reações, as palavras e os acontecimentos. Uma tarefa essencial, para lidar com a adolescência.

Que Jesus, submisso aos pais, se torne o companheiro, o amigo e o caminho da vida dos nossos adolescentes. E que Maria e José guardem o vosso coração de pais, porventura, aflito e à procura dos filhos perdidos... ou talvez não!...

**Homilia na Festa da Sagrada Família 2000**

(Versão mais longa)

**1.** O Menino tinha crescido e os pais quase nem davam por isso. Habituados a tê-lo preso aos mimos da infância, ignoravam os novos interesses do adolescente, ocupado agora em coisas mais estimulantes, do que as conversas do costume entre pais e amigos, na caravana do regresso da festa. Julgaram, por momentos, perdido o menino. Mais perdidos andariam eles, pelos visto, à procura do filho, em lugar errado.

Jesus não estava entre os parentes e conhecidos, que a sua família começava agora a ser outra e o grupo conquistava cada vez mais o espaço dos pais. Ao cabo de três dias de desassossego, Maria e José dão com ele, «*sentado entre os doutores da Lei a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas*». Mas nem a santidade do lugar – «*estava no Templo»* - refreou o ímpeto de indignação de Maria e José. A censura dos pais, surpresos e aflitos, não se fez esperar. «*Filho, porque procedeste assim connosco? Teu Pai e eu andávamos aflitos à tua procura*»... Mas a repreensão tinha uma volta na ponta e Jesus estava noutra... Por fim, Jesus responde com uma pergunta: «*não sabíeis que tenho de ocupar-me das coisas de meu Pai*»... Com esta, os pais ficaram ainda a saber menos, porque nem de tudo se pode falar, entre pais e filhos. Entretanto, «*Jesus desceu com eles, para Nazaré e era-lhes submisso».* E porquenenhuma influência é mais decisiva que a dos pais, nas tomadas de decisão e no estabelecimento dos valores por parte do adolescente, o evangelho conclui que, na família de Nazaré, «*Jesus ia crescendo, em sabedoria, em estatura e em graça»*.

**2.** Vejo neste belo quadro, a negra aflição dos pais e a despreocupação dos filhos, sobretudo no cinzento e difícil período da adolescência. Bem espelhada neste episódio, está também a distração comum dos educadores, face ao crescimento repentino dos filhos, que afinal deixaram de ser meninos... e eles nem se dão conta. Aqui se espelha igual e claramente a procura de mundos novos, por parte dos filhos adolescentes e jovens, que têm, apesar de tudo e ainda por cima, muito a aprender dos pais, até poderem caminhar sem perigo e independentemente da sua ajuda. Faço ideia como aquele Jesus adolescente deu cabo dos esquemas de pensar... e de julgar dos velhos mestres. Eles bem se punham em bico de pés, mas Jesus ficava sentado!

No fim, dá para perguntar: são os filhos que estão perdidos ou os pais que andam à deriva? Aproveito a Festa da Sagrada Família, como sempre, para uma reflexão. Desta feita, sobre pais e filhos na adolescência.

**3.** Há, nesta história, como na de muitos de nós, educadores, o ir atrás e à frente, o procurar e o nada entender, o ouvir e calar, o já nada saber diante dos novos caminhos ou atalhos da adolescência. Mas o Evangelho sugere também que esta aflição pode ser «*exagerada*», diminuída ou ajudada, se os pais mantiverem uma *certa vigilância psicológica*, sobre a vivência do adolescente. Isto é, se cuidarem de acompanhar o sentir do filho em crescimento: ajudá-lo a falar sobre o que se passa na escola e no grupo, questioná-lo sobre os seus valores ou as suas decisões... de modo a fazê-lo refletir ou propor alternativas, quando os caminhos lhe aparecerem todos cortados e ele não vislumbrar um atalho salvador. E em vez do medo do grupo, no que ele tem de arriscado e criativo, há que criar um ambiente de diálogo e suporte afetivo, que permita ao adolescente falar sobre os dilemas que vai encontrando no grupo. É disso expressivo o diálogo entre os pais e Jesus: «*Filho, teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*»... «*Não sabíeis que tenho de ocupar-me das coisas de meu Pai*»?

**4.** Não deixa de ser relevante, neste acompanhamento, «*a frequência do Templo*» e «*as discussões com os doutores da lei*»... Maria e José são pais que levam o filho à festa e vão com ele “*à Igreja*”, sem medo de lhes cair o teto em cima. E que o deixam a discutir na «*aula de educação moral e religiosa*» daquele tempo, sobre o sentido genuíno das coisas e da vida. E hoje há espaços privilegiados e necessários, para este confronto e este debate, como sejam a Catequese Paroquial e sobretudo as aulas de Educação Moral e Religiosa Católicas. Se este espaço de diálogo e discussão está assegurado, talvez não seja caso, para tanto alarme...e possa haver alguém mais que nos ajude. Mas ele há pais que consentem na facilidade de nada exigir... e até na irresponsabilidade de não querer saber. Ficam-se pelo «prevenir» em tudo, que acaba, por fim, por não remediar em nada.

**5.** Esses espaços de diálogo faltam muito na família, que foge das questões essenciais, como dos sete pecados mortais, e prefere horas de psiquiatria ao esforço de minutos de diálogo. Podíamos, talvez, pais e educadores, perder menos tempo, se tivéssemos mais tempo e preocupação por saber melhor por onde andam e por onde param os nossos filhos. Sem pretendermos fazer parte do grupo, armados em pais muito modernos (tenhamos juízo!) é preciso um certo controlo sobre as atividades dos filhos... medindo bem as suas reações aos novos problemas da vida, aos programas de televisão, aos valores da sociedade. Se acompanhássemos os seus comportamentos, ainda que através de uma *supervisão discreta*, talvez não fôssemos nós “os apanhados”, de surpresa, geralmente tarde e a más horas.

**6.** Ainda assim, o perigo espreita em cada esquina. E nem o mais santo dos pais - *Maria e José eram-no inquestionavelmente -* escapa à aflição de uma adolescência cheia de dúvidas, fragilidades, medos e contradições. Não faz sentido pensar que os pais são os culpados de tudo, porque há outras influências, que é preciso conhecer e com quem dialogar: o grupo, a escola, a história de cada adolescente. Mas cabe-nos acreditar, a sério, no valor da educação, que se não exige da inteligência, fará filhos que não passam do da ignorância atrevida. E se não crescem na graça de Deus, depressa atingirão a estatura da arrogância. Jesus ia crescendo em «*sabedoria, em estatura e em graça*». Eis o tripé da educação ideal, global e necessária!

**7.** A vida exige-nos hoje e a todos uma submissão muito grande à verdade. E uma aprendizagem muito humilde em todas as coisas. Não há receitas para ninguém. Nem Maria as tinha, nem eu as tenho para vos dar. Simplesmente– diz o Evangelho - *«Ela guardava todas as coisas no seu coração»*. E tentava perceber o nexo entre as reações e os acontecimentos. Uma tarefa essencial para lidar com a adolescência.

Que Jesus, submisso aos pais, se torne o companheiro, o amigo e o caminho da vida dos nossos adolescentes. E que Maria e José guardem o vosso coração de pais, porventura, aflito e à procura dos filhos perdidos... ou talvez não!...

*(se omitir o texto ladeado por risco vertical, tem a versão menos longa da Homilia).*

**Homilia na Festa da Sagrada Família 1999**

Leituras: Sir.3,3-7.14-17a; Col.3,12-21; Lc.2, 22-40 (fórmula longa)

**1. Os anciãos também figuram no presépio!**

O Natal, dizem, é a festa das crianças. O menino de Belém está no centro do presépio e isso naturalmente desperta-nos para a ternura da infância. Mas o Natal é também a festa e a alegria dos anciãos. Eles também figuram no presépio, antes e depois do nascimento do Menino.

O Evangelho da infância, em São Lucas, abre com a apresentação de um casal «de idade avançada» (1, 7): Isabel e Zacarias, pais de João Batista. Sobre eles desce a misericórdia do Senhor (cf. Lc 1,5-25.39-79). Durante a visita de Maria à anciã prima Isabel, esta, cheia do Espírito Santo, exclama: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc. 1, 42), e no nascimento de João Batista, Zacarias entoa um hino de louvor ao Senhor (Lc.1,67-80). Trata-se, pois, de um admirável casal de anciãos, cheio de profundo espírito de oração. Mas também depois do nascimento de Jesus, no templo de Jerusalém Maria e José encontram o velho Simeão, que há longo tempo esperava o Messias. Tomando entre seus braços o Menino, ele bendiz a Deus e irrompe num admirável hino de louvor e de despedida (Lc. 2, 29). Junto a ele encontramos Ana, viúva de oitenta e quatro anos, assídua frequentadora do Templo, que naquela ocasião tem a alegria de ver Jesus. O Evangelista anota que ela «pôs-se a louvar a Deus e a falar do Menino» (Lc 2, 38). De certo modo, também os anciãos se tornam os primeiros avisados da notícia do nascimento do Salvador e os principais mensageiros da alegria do Natal. Também eles figuram no presépio!

***2. O Dom da memória e da sabedoria nos anciãos!***

*Gostaria, por isso, nesta Festa da Sagrada Família - e neste Ano Internacional do Idoso, - render a minha homenagem aos nossos maiores, àqueles de quem recebemos os primeiros rudimentos da fé, os abraços mais generosos e o testemunho da mais bela sabedoria. Poderia aqui denunciar a frieza do desamparo na velhice, o desprezo pelos mais velhos, os múltiplos problemas da terceira idade. Pensei longamente em tudo isto e decidi – como estamos em tempo de Natal – falar de coisas boas e dizer, numa pequena história, todas as coisas belas que um ancião pode dar à sua família. Vou pôr-me na pele de uma Mãe e anotar em forma de diário, o que pode ser, em tempo de Natal, o encontro com um ancião. Neste caso, uma anciã, a que vou chamar Teresa, por ser o nome da minha irmã gémea.*

***3. A tia Teresa:***

*(pode omitir-se este ponto, retirado de C. MARTINI, Uma bela família, 15-17)*

*De todas as visitas por ocasião do Natal, a que fazemos à tia Teresa talvez seja a mais simpática. Até as crianças, que se impacientam e protestam quando são obrigadas a seguir os preceitos da boa educação, vão de boa vontade a casa da tia Teresa. E não creio que seja pelos biscoitos horríveis que ela faz, e que só ela mesma consegue comer.*

*Já me interroguei muitas vezes sobre o que será que torna tão agradáveis – para mim, para as crianças e, de um modo geral, para os amigos - , as visitas à tia Teresa. É* ***uma mulher simples****, viúva de há muitos anos, e sem filhos. Nunca foi muito desembaraçada a andar, por um problema qualquer que tem nas ancas, e que eu desconheço. Nunca pôde viajar, por isso não tem experiências exóticas para contar: a sua única janela sobre o mundo é o jornal da terra, geralmente da véspera, que a vizinha lhe empresta; e não renuncia a ver algumas notícias na televisão.*

*Pode-se dizer que nunca viveu muito conciliada com a vida, e o que recebeu dela também não foi muito. Desde que a conheço que passa os dias dobrada sobre a máquina de costura, a fazer camisas: camisas às dezenas, camisas requintadas para casamentos ou, camisas simples para usar nos empregos; camisas e camisas, durante anos e anos. Pobre tia Teresa: quantas camisas terá ela costurado?!*

*Parece-me que toda a gente gosta de visitar a tia Teresa devido àquela* ***sabedoria******especial e benévola*** *com que escuta, interroga e aconselha. Quando lhe batemos à porta, temos sempre medo de incomodar, atarefada, como sempre está, a acabar camisas: no entanto, mostra-se logo contente por nos ver, como quem diz: «Ainda bem que chegaste; assim levanto um pouco a cabeça e descanso por momentos». Basta* ***esta maneira de dar as boas-vindas*** *para termos a impressão de que éramos esperados e de que ela tem tempo para nós e vontade de conversar um pouco.*

*Depois, a tia Teresa pega na cafeteira, tira da prateleira o açucareiro e uma garrafa de aguardente («esta é para o teu pai, não é para ti, querido André!», diz ela a brincar), retira da sua reserva inesgotável os famosos biscoitos e entretanto vai escutando as nossas confidências, pergunta às crianças pela escola, recorda anedotas do pobre tio, já falecido, distribui fragmentos de sabedoria e compaixão, e comenta algumas notícias, pelo meio...*

*O que me impressiona – diz a tal mãe - é* ***o seu modo de consolar****. Se me queixo do Carlos, que está sempre demasiado preso pelo trabalho, corrige-me: «Minha menina, alegra-te por não o teres em casa doente, nervoso, mal-humorado, como o teu pobre tio, sempre a pedir para beber aquilo que eu não podia dar-lhe, sempre a querer o que lhe fazia mal. Tinha de lhe servir tudo e ainda por cima ouvi-lo responder com maus modos! Alegra-te com o que tens, é o que te digo!» Se comento: «Ah, estes filhos! A cada momento surgem motivos para estar ansiosa, para me preocupar com a escola, com a saúde, com as amizades. Todos os dias há discussões por um ‘não’ que temos de dizer, pelo horário que queremos fazer respeitar...!», então a tia Teresa consola-me: «Agradece ao Senhor pelos filhos que tens. É terrível a solidão. Até a vontade de trabalhar nos tira. Todo este desgaste dos olhos e dobradas as costas, a quem aproveitará? E à noite, com a escuridão, desce sobre nós uma melancolia que não te digo nada. Alegra-te por teres alguém a quem dizer ‘boa noite’».*

*Se me queixo de algum achaque, apressa-se a animar-me: «Não faças caso, menina. Olha para mim: custa-me andar, tenho todos os dedos deformados e doem-me tanto que acordo de noite com as dores. Ora bem, eu até me queixo um pouco, mas, como ninguém me dá ouvidos, pego no meu terço e mando para o paraíso algumas Avé Marias pelos meus mortos e pelos meus vivos.»*

*Em suma, a tia Teresa aprendeu a viver com os seus males e a sua solidão, transformando-os em razões para* ***compreender quem sofre*** *e* ***desdramatizar cada situação****. Aprendeu a* ***arte de sorrir****, de não dar demasiada importância a si própria, de expressar* ***a sua gratidão*** *por cada atenção que recebe.*

*Tem* ***o modo de consolar*** *e de encorajar dos pequenos: não conhece palavras sábias para persuadir, não usa palavras mágicas para os problemas com soluções rápidas e impossíveis... Apresenta-se tal como é, desarmada e boa, ensinando-nos que há muitas razões para mostrar gratidão e muitas ocasiões para usar de bondade.*

***4. Anciãos: Um reflexo da misteriosa beleza de Deus***

*Uma pequena história para dizer que ter em casa, à porta, ou na família, um idoso, é uma graça que nem sempre sabemos apreciar. Livres da pressa e do rendimento do trabalho, ensinam-nos a apreciar as coisas com gratidão e sabedoria. Marcados pela vida, guardam na memória ensinamentos do passado que previnem erros do futuro. São, no seu testemunho de oração constante e de resistência pacífica, uma escola de evangelho. Bem podiam ser o fiel da balança, no equilíbrio de gerações. Bastaria, para tanto, cumprir o simples mandamento que diz: «honra pai e mãe»!*

*De certo modo, talvez tudo isso possa ser aplicado à tia Teresa, e possamos procurar em tantos pobres cristos, doentes e idosos, como ela, um reflexo da misteriosa beleza de Deus, que salvará o mundo! O amor!*

**Homilia na Festa da Sagrada Família 1998**

Nazaré é a Pátria da Família. Ali se fixam Jesus, Maria e José: a Sagrada Família, berço da educação e do crescimento de Jesus. Ali, Jesus balbucia com ternura de Menino, as primeiras palavras da sua vida: «*papá*», «*mamã*». «*Mamã*», talvez em primeiro lugar! E como Maria terá, então, sentido mover-se-lhe as entranhas e agitar-se-lhe o coração... tamanha era a alegria de ser Mãe, cujo filho só poderia mesmo parecer-se com ela... E José, ao ver o Menino entregar-se com tanta confiança aos seus braços abertos e chamar-lhe «*papá*», deve ter agradecido a Deus por esse fruto do ventre de Maria, que ele não escolheu da sua semente, mas acolheu em seu coração. Um e outro olhavam para o Menino. Maria sabia bem qual o seio donde viera o Filho: Deus. José sabia também quem ali deixara a semente do Verbo: Deus. De modo, que o Filho Jesus lhes aparecia como um imenso Dom. Um Dom maior que o dom do seu amor esponsal...

Creio que Jesus, naquele coração límpido da Mãe terá pressentido, desde a primeira infância, a ternura do Pai que está nos Céus. E, no serviço humilde de José, Jesus vai admirando o cuidado providencial com que o Pai trata e alimenta cada um dos seus filhos. Como se afinal, todos os filhos, fossem, para Deus, únicos. Nos doces anos da infância, Jesus acolhe o amor do Pai que está nos Céus, no amor do Pai e da Mãe.

São eles, Maria e José, na família de Nazaré, como que o primeiro santuário, onde Jesus se encontra com o Pai. São eles, no seu amor paterno e materno, como que o primeiro reflexo do Amor de Deus. Até que, na adolescência, a primeira palavra de Jesus nos átrios do Templo de Jerusalém, se refere unicamente ao Pai que está nos Céus: «*Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai*»... Como se o vínculo de sangue que o unia à Mãe e o laço de afeto que o ligava ao Pai, tivessem de se fundir num único fio: o do Amor ao Pai que está nos Céus. Outra coisa Jesus não aprendeu de Maria e de José: senão as palavras e os sentimentos que o haviam de unir ao Pai Celeste.

Jesus invocava Deus dizendo: *Abba*! Nele, esse nome vinha animado de toda a sua confiança filial, dessa confiança que, no coração de uma criança, se diversifica quando ela se dirige ao pai ou à mãe. Para Jesus, Deus era tudo, reunindo o que, para uma criança, podem ser o amor do pai e o da mãe. Deus é assim chamado Pai, porque é pelo pai que começa a geração da criança. Mas, quando se trata de sublinhar que Deus é o Pai essencial, Pai em permanência e por todo o seu ser, pai que dá de si e do seu para gerar, então mais valia chamar-lhe ***Mãe***. Porque a mãe, mais que o pai, está implicada na formação do filho, filho que ela conhece e traz em si mesma por longo tempo, e que faz viver da sua própria substancia. De modo que se pode dizer que Jesus nasce do Pai, como nós de uma Mãe.

A esta luz, a paternidade e a maternidade aparecem não como a afirmação de um desejo e de um poder masculino ou feminino, mas como uma participação no amor criador de Deus*, "do Qual recebem o nome toda a paternidade, que há nos céus e na terra " (Ef 3, 15).* E o Filho, mais do que o fruto de duas vontades, aparecerá como o Dom de um único amor, que vem de Deus. De modo que hoje, à luz de Maria, cada Mãe deverá compreender a sua vocação a tornar-se imagem da bondade, da misericórdia, da ternura e da intimidade de Deus «Mãe», para connosco. Cada pai, que deu início ao processo da Vida, a descobrir a sua missão de se tornar criador, guarda e protetor do Filho, à imagem do Pai, que está nos Céus. E cada Filho, a reconhecer no amor dos pais a primeira manifestação do amor de Deus. Ele, sim, é o único a quem verdadeiramente podemos chamar «nosso Pai»... «nossa Mãe», numa palavra «Abba».

**Homilia na Festa da Sagrada Família C 1997**

Um quebra-cabeças na família de Nazaré. Filho Único de sua Mãe, o Menino desmamado perde-se na conversa com os grandes. Os pais nem deram pelos anos. Para trás, ficava uma infância de mimo e sossego na pacata família de Nazaré. Abria-se agora a porta curiosa da adolescência, na espreita atenta da novidade. A aflição de Maria e José, perdidos no barulho da Cidade, termina no interior silencioso do Templo de Jerusalém. Lá está Jesus, «*ocupado nas coisas do Pai*». Para espanto de José e de Maria, *que guardava todas estas coisas em seu coração*. E Jesus, depois da primeira partida feita aos pais, na sua rebelde idade, lá regressa a Nazaré “*e era-lhes submisso. Ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça”*. Duas coisas muito claras nos sugerem hoje este texto:

**1.** Jesus não dispensa a família. Membro dela, partilha, desde cedo, a angústia do exílio, o drama da perseguição. Conhece o valor do trabalho, a importância do afeto, a crise nas relações. E mais: como Filho de Deus, enche e preenche de sua graça todas estas vivências. A família humana, em Jesus Cristo, é assim tocada pela presença divina do Amor e torna-se «*comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho no Espírito Santo*» (CIC 2205). Neste sentido, Cristo santifica a família, como «*Igreja doméstica*», primeira comunidade de vide a amor, onde se vive e manifesta o amor de Deus.

**2.** Por outro lado, a família, pese embora a sua importância e insubstituível missão, não é um valor único e absoluto. Jesus ocupa-se sobretudo das coisas do Pai. Também ali, no seio da comunidade religiosa, que reza, celebra e testemunha a sua fé, Jesus encontra a sua família*. “Minha mãe e meus irmãos – dirá mais tarde - são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põe em prática”*. Ali, no Templo, se encontra Jesus com aqueles a quem os laços da fé unem mais do que a carne e o sangue. Jesus, conversando entre os doutores, descongela as frias relações de medo e temor do Homem com Deus, inspirando a confiança filial na relação com o Pai. E, na simplicidade do seu estar sentado com os seus irmãos, enche de calor e afeto as relações entre todos os membros ali presentes.

À luz desta Palavra, faço dois votos:

1. *Que a família se torne cada vez mais uma pequena Igreja*. O mesmo Espírito que une o Pai e o Filho numa relação de Amor, una os esposos e os torne participantes do amor divino, de modo que os filhos nascidos deste amor, sejam acolhidos como Dom e graça de Deus.

2. *Que a Igreja se torne cada vez mais uma grande família*. Porque somos filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho que clama «*Abbá. Pai*». E por isso, nesta comunidade, mais do que tudo, somos «*familiares de Deus*». **E isso deve sentir-se na ternura com que nos olhamos e acolhemos, na estima com que nos respeitamos e recebemos, na harmonia em que nos reunimos e celebramos, no ardor com que servimos e amamos, no calor do amor divino em que nos encontramos.**

Queira Deus que, no próximo ano, a Casa onde juntos viveremos – o Centro Pastoral – se vá erguendo, na solidez da comunhão em que vivemos e na força do amor com que nos amamos. Que cada família desta paróquia se converta numa pequena Igreja e que esta Igreja se converta numa grande família.

**Homilia na Festa da Sagrada Família A 1995**

*«Filho, ampara a velhice de teu pai e não o desgostes durante a sua vida. Se a sua mente enfraquece, sê indulgente para com ele e não o desprezes, tu que estás no vigor da Vida»!* (cf. Sir.3,12-13)

Quando chegam os arrabaldes da velhice, tudo se agrava! Porque a velhice nunca vem só. Com ela vem a doença, o azedume do caráter, o declínio das esperanças, a falta de horizontes, o aborrecimento e a pior de todas as dores: a solidão! O mais comum é chutar os pais já velhos de um lado para o outro, até que a maioria dos filhos vá alijando o fardo e então todos descubram que a única solução é procurar um asilo. Mas na maioria das vezes não será uma sepultura antecipada? E o pior mesmo é a solidão. E que solidão mais profunda do que a das pessoas que já perderam as suas esperanças, as suas ilusões, a sua liberdade e acabam até por esquecer o rosto dos seus filhos e netos, que aparecem uma ou duas vezes por ano, talvez no dia de aniversário e véspera de Natal? Um homem sozinho está sempre mal acompanhado. Em vez da visita do filho chega a visita da amargura, do ressentimento, das recordações envenenadas, talvez o desespero e mesmo o suicídio! Tudo isto é sintomático de uma cultura que valoriza apenas quem produz e despreza quem já não pode fazer mais. Outrora os idosos eram na família, uma espécie de altar da sabedoria. Assim o vemos também na Bíblia que “*gosta de apresentar o idoso como o símbolo da pessoa cheia de sabedoria e de temor de Deus. Nesse sentido o dom do idoso podia identificar-se com o de ser a testemunha da tradição da fé, o Mestre da Vida e o Obreiro da Caridade*” (*Christifideles Laici*, 48). Portanto, excluir os idosos é fazer tábua rasa de uma memória e de uma tradição. Da memória da nossa própria história familiar, das virtudes e defeitos que nos correm no sangue. “*Na realidade, os anciãos têm o carisma de ultrapassar as barreiras entre gerações. Quantas crianças têm encontrado compreensão e amor nos olhos, nas palavras e nos carinhos dos anciãos! E quantas pessoas de idade não pressentem gostosamente as palavras bíblicas: a coroa dos anciãos são os filhos dos seus filhos*”! (Fam. Cons. 27).

Ao excluir os idosos, a família cristã perde aquele elemento de ligação ou corrente de transmissão de valores e experiências de que vive a nossa fé! Não fossem os avôs e avós, e muitas das nossas crianças e adolescentes estariam entregues a si próprios no que respeita à catequese, à oração e à vida cristã. Neste sentido, tomo a Palavra de Deus, para dois apelos:

O primeiro é dirigido aos idosos: olhai, a entrada na terceira idade é um privilégio. Não só porque muitos não chegaram aí, mas porque vos são dadas possibilidades concretas de pensar melhor no passado, de conhecer e viver com mais profundidade o mistério da Cruz do Senhor, de vos tornardes na Igreja, exemplo para todo o Povo de Deus. Vós não estais nem deveis sentir-vos à margem da vida da Igreja. Tendes o dom da sabedoria para comunicar, uma experiência de fé a transmitir e uma obra de caridade a realizar. Sede testemunhas da fé, mestres da Vida! Porque até na velhice sois chamados a dar frutos, a conservar a seiva e o frescor, para anunciar quão justo é o nosso Deus! (Sal.92,15-16).

O segundo, é dirigido a ti, que estás no vigor da vida, exorto-te: “*Honra teu pai e tua Mãe! Porque eles são para ti, em certo sentido, os representantes do Senhor, aqueles que te deram a vida. Depois de Deus são eles os teus primeiros benfeitores.* (Cartas às Famílias, 15). Aquele que teme a Deus, honra seus pais. *Ditosos os que temem o Senhor! Ditosos os que seguem os seus caminhos!...*

**Homilia na Festa da Sagrada Família B 93**

**(com celebração de batismos)**

Sobre o presépio de Belém se detém o nosso olhar nesta oitava de Natal. Como pequenos e inocentes abeiramo-nos deste mistério de amor e dele colhemos a ternura, o encanto, a beleza de tudo quanto é pequenino e frágil. Diante de nós se apresenta o quadro familiar de Nazaré. Na família, Jesus nasceu, cresceu e viveu maior parte dos seus dias. Dela recebeu os valores e as tradições, dela aprendeu o serviço humilde e o encanto do diálogo, do silêncio e da comunhão de Vida. A nossa família não é nem poderia ser uma réplica deste quadro. As profundas alterações sociais e económicas abalaram a família, mudaram hábitos, destruíram valores e inventaram novos desafios. Não tenho nem poderia ter uma receita de salvação para a família de cada um. Nem mesmo a Família de Nazaré pode ser tomada, sem mais, como exemplo. O que verdadeiramente emerge deste quadro é uma profunda experiência de paz, uma serenidade inigualável, uma comunhão de Vida. E nisto há um forte apelo. É nesta Comunhão de Vida, nesta comunhão de valores, de sentimentos, de costumes, de vivências que Jesus cresce e se afirma em toda a sua personalidade. A forte personalidade e humanidade de Jesus tiveram um berço. Foi a Sagrada Família de Nazaré. Nela Jesus ia crescendo, tornava-se robusto e cheio de sabedoria e a graça de Deus estava n’Ele.

Daqui podíamos avançar para muitas considerações sobre a Família. Cada ano tomo um aspeto. Este ano gostaria de focar esta pequenina expressão: **Jesus ia crescendo**. Crescia fisicamente. Crescia na sabedoria das coisas e crescia em graça. O crescimento de Jesus é um crescimento pleno, em todas as dimensões: física, intelectual e religiosa. Os cuidados da família de Nazaré não se esgotavam nem só no fazer crescer o físico, nem só no fazer aumentar a cultura mas também na graça de Deus, no sentido de Deus na vida de cada um. E assim Jesus ia crescendo. Os seus pais respeitavam as etapas do seu crescimento. Não o faziam adulto na infância nem infantil na adolescência. Havia um crescimento progressivo, respeitador do ritmo próprio da idade, do saber e do viver.

Infelizmente não é assim em muitas das nossas famílias. Às pessoas, sobretudo às crianças, não é dado o direito de ir crescendo. O trabalho infantil aí está. Por ganância do lucro fácil, por deficiente formação e instrução dos pais, por causa de uma economia subterrânea que quer competir não com o avanço técnico mas à custa de mão de obra barata, aí estão crianças e adolescentes ao sabor dos grandes interesses, até porque elas nem protestam nem exigem grandes regalias sociais. Há disto à nossa volta. Nos concelhos mais vizinhos e até dentro de nós, embora não tanto em nós por falta evidente de postos de trabalho. E a Igreja não se pode calar, quando atitudes como estas destroem pela base o futuro de uma pessoa, hipotecam gravemente o seu amanhã, por deficiente formação profissional que agora lhes é negada, por falta de preparação cultural que agora lhes não é facilitada. É preciso deixar que as crianças brinquem e saltem e façam as asneiras da sua idade, que aprendam e estudem, que cresçam lentamente como pessoas.

Na base do trabalho infantil, não raro, está a ideia de que os filhos são propriedade dos pais. E não são! Os filhos não vêm ao mundo para dar lucro aos pais, não são nem podem ser aceites como fatores de produção ou de rendimento familiar. Eles são um dom, são um sorriso de Deus, uma graça, que é confiada aos pais como dom do seu amor. Sara e Abraão puderam sentir no filho que lhes era dado um sorriso de Deus, um gesto da sua magnificência. E até Maria e José foram ao Templo consagrar, «apresentar» o seu Filho, para aí o dar, o entregar, sem egoísmos nem interesses pessoais.

*(na missa das 11h00)*

Estais também vós, queridos pais e padrinhos, com os vossos filhos. Acolheste-os como um dom e um sorriso de Deus. Vindes aqui apresentá-los diante da toda a comunidade dos filhos de Deus e oferecê-los ao Senhor. Deus abraça a história e a Vida de cada um deles. Vamos mergulhá-los neste imenso amor de Deus, para que eles possam crescer amparados pela graça, animados pelo Espírito até se tornarem membros adultos da nossa comunidade. É pela fé que aqui nos encontramos a celebrar com alegria o mistério do renascimento de novos filhos para a Igreja. A descendência dos filhos de Deus torna-se tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que há na praia do mar. Que eles cresçam, se tornem robustos, cheios de sabedoria e a graça de Deus habite em cada um. Na vossa família!

*(na missa das 19h00)*

1994 (que se aproxima) é o Ano Internacional da Família. Levou tempo a descobrir o segredo. Mas finalmente já todos sabem por onde passa e de que depende o futuro da humanidade. Vamos pensar iniciativas, fazer projetos e avançar. Mas sem esquecer que os nossos filhos sendo nossos não são para nosso proveito. A eles temos o dever de dar um espaço e um tempo para irem crescendo...em estatura, em sabedoria e em graça. Como o Menino na Sagrada Família de Nazaré.

**Festa da Sagrada Família 1992**

**1.** A família no Mistério da Encarnação:

Vêm de longe, e para longe se encaminham tantos homens e mulheres, pais, filhos, netos e avôs, ao encontro com as raízes. É Natal. O apelo da família é mais forte. Os problemas familiares são mais sentidos. Hoje, dia da Sagrada Família, o Evangelho põe-nos em comunhão com o drama e a aventura de uma família: A família de Nazaré. Uma família onde Jesus nasce e cresce e se desenvolve como pessoa, como Homem. Dela recebe os traços mais característicos da sua personalidade. Jesus não nasceu feito, mas cresceu na humildade simples de uma família, onde havia problemas e dificuldades. Maria e José não entendiam certas palavras e atitudes do Filho. A experiência da fuga para o Egito, a perda no Templo aos doze anos, alguns episódios, poucos, tiram-nos a ilusão de uma Família sem problemas. Mas, com tudo isto, uma família onde o trabalho quotidiano, a escuta da Palavra, o serviço generoso, o amor desinteressado, certamente tinham lugar, apesar de nem casa haver para eles...

2. A encarnação real das nossas Famílias:

E hoje a lembrar-me também das nossas famílias. O Santo Padre, aos bispos do Norte e Centro de Portugal, recordou há poucos dias a urgência de os sacerdotes darem prioridade à pastoral familiar: “que visitem as famílias, e compartilharem as suas dores e alegrias, incrementem na paróquia a constituição de grupos de espiritualidade familiar e de entreajuda conjugal”. Fiquei a pensar. Sobretudo, quando também, fora da Igreja, a Unesco decreta 1993 como o Ano Internacional da Família. João Paulo II em 24.11.1981 escrevera a “Familaris Consortio” sobre a Família cristã.

A par de tudo isto, uma Carta no Correio com um desabafo. Podia hoje abordar muitos problemas. Mas ficamos por esta Carta: *“Sob o ponto de vista religioso, não lhes interessa rezar. Os meus filhos mais a dizer que o Papa é assim; que este ou aquele padre são assim e assado; que a Igreja não se modernizou. À minha maneira, tento falar-lhes de Jesus, mas não os convenço: eu não tenho estudo, eles têm, e por isso não me aceitam. Sob o ponto de vista moral: a maioria dos jovens fazem amor durante o namoro, acham isso normal, dizem que é um facto biológico e que a Igreja está errada se não o permite. E eu pergunto: que é que nós, pais, podemos fazer? Não sei o que está acontecendo, mas eles estão cada vez mais distantes. De nós o que eles esperam é a mesada semanal, se bem que não façam nem a própria cama. Falam o menos possível com os seus pais, tomam banho diariamente e querem sempre roupa bem limpa, chegam a casa tardíssimo. Que lhes emprestemos o carro, que os deixemos dormir toda a manhã, que a comida esteja sempre pronta, que não nos metamos com eles: senão olham-nos como se fôssemos polícias. Se fazem um recado, cobram-no e, ainda que não acredite, os pais com quem converso queixam-se do mesmo. O meu marido trabalha em dois lugares para eles terem o necessário, e eles, pachorrentos, ficam com os pés em cima da mesa vendo a porcaria da televisão que os traz alucinados; repetem os anos porque os livros, os professores, os padres, os pais, a vida, é tudo uma m..... e desculpe a expressão, mas também é assim que eles dizem. Com tudo isto, penso que a nossa geração foi oprimida pelos pais e agora está a ser oprimida pelos filhos”.*

É um retrato que não pode ser generalizado. Mas corresponde a muitas situações. Ninguém espera que eu “bata” nos mais novos, até porque não... tão velho como isso! Mas, fiquei a pensar se não devia responder-vos com algumas perguntas:

\* Que educação damos aos nossos filhos? Não os educamos porventura para demasiada comodidade, enchendo-os de tudo, desde pequenos, poupando-os a trabalhos e não os comprometendo na vida e nos problemas familiares? Filhos únicos ou muito poucos são, desde a nascença, centros de atenção, atulhados até ao pescoço de todas as coisinhas que o mundo pode dar? E se déssemos menos mais?

\* E as televisões lá em casa: uma no quarto, outra na cozinha, outra na sala. Cada um na sua! E o tempo de conversa à mesa? Tantas vezes atrapalhado pela telenovela, pelo “está calado que agora estou a ouvir... a ver”?

\* E os empregos duplos, as horas extras... para quê? Para dar tudo! Para criar todas as condições? E se houvesse menos condições e mais tempo para o diálogo, para a festa, para a oração, para o encontro em casa? Não fizemos das nossas casas hotéis de luxo onde entram, saem e dormem os nossos filhos?

\* E a educação para o Amor? Que testemunho? Que preparação? Não reduzimos tudo a uma questão de métodos anticoncecionais, de “controlo”? E o testemunho dos pais, o relato sincero das suas dificuldades e sucessos? E a afetividade reduzida ao sexo de consumo? Mas só temos os filhos que fizemos!

\* E a formação religiosa e moral? Que empenhamento? Aí somos generosos em nome de uma falsa liberdade!

Com isto não quero defender uns e atacar outros! Mas quem se lembra, ao casar, que vai dar início a uma família? E se a gente fala nos C.P.M. Para quê, Sr. Padre. Não temos tempo!

Caríssimos jovens: Acolhei a sabedoria dos vossos pais e aprendei a verdadeira liberdade no amor! Tendes mais obrigação de compreenderdes os pais do que eles a vós.

Caríssimos pais: não exaspereis os vossos filhos, com moralismos balofos e uma fé pouco convincente, com uma vida muito facilitada!

E aos avós, um obrigado, porque vos tornastes uma verdadeira instituição familiar, ao serdes praticamente os pais dos vossos netos!

Que a família de Nazaré nos ensine a ser o que devemos. O futuro da Humanidade passa pela Família.

**Exame de Consciência**

A FAMÍLIA, UM PRESENTE DE DEUS

**Algumas questões “familiares”**

**I.** “Não vos iludais, irmãos: quem trai a família não herdará o Reino de Deus” (Santo Inácio de Antioquia aos Efésios). Pensemos em algumas formas de traição ao amor, pois elas fraturam e, muitas vezes, ferem de morte a comunidade familiar:

**1.** o individualismo, que supõe um uso da liberdade, pelo qual o sujeito faz o que quer, o que lhe apraz, o que lhe apetece, sem ter em conta os outros;

**2.** a procura do prazer individual e dos próprios interesses acima dos interesses comuns;

**3.** a infidelidade, nos pensamentos, nos desejos, nos atos;

**4.** a intimidade e as expressões do “amor”, orientadas para a satisfação imediata e egoísta dos próprios desejos, assumidas como divertimento, fazendo da outra pessoa objeto de consumo imediato e descomprometido;

**5.** a mentira, a falta de respeito à palavra dada e a ausência de diálogo;

**6.** a incapacidade para se dar totalmente;

**7.** a facilidade na ameaça e na concretização do divórcio.

**II.** O compromisso matrimonial supõe, por outro lado, um compromisso com a vida. Tudo aquilo que nega a vocação da família a ser “santuário da vida” atenta contra a verdade e a integridade da própria família. Pensemos em algumas formas de traição à Vida:

**1.** a violência das palavras e dos gestos;

**2.** o desprezo pela dignidade dos idosos, dos doentes, das pessoas portadoras de deficiência;

**3.** a recusa de um filho ou de «mais um filho», por mero comodismo ou pela ideia insuportável de este poder ser mais um “peso” na família;

**4.** o desprezo pela integridade física e moral do corpo, nomeadamente pelo descuido da saúde e do descanso;

**5.** o aborto provocado, aconselhado, consentido ou praticado;

**III.** Na família transmitem-se, com a fé, os valores humanos e cristãos da alegria, da coragem, da persistência, do amor ao trabalho, do respeito pelo próximo, da prática da justiça, da solidariedade fraterna, do acolhimento aos outros, do sofrimento e da dor. Pensemos no nosso estilo de vida, contaminado pela mentalidade pagã, e que facilmente trai a nossa dignidade de filhos de Deus:

**1.** a procura exclusiva do bem-estar material, assente em ilusões e necessidades inúteis e que leva o reinado do «ter» sobre o «ser»;

**2.** a prioridade ao que efémero ou passageiro;

**3.** a prioridade ao que é mais fácil, ao que não exige luta ou sacrifício;

**4.** a recusa de tudo o que exija esforço, fidelidade, compromisso e sacrifício;

**5.** a vida vivida ao sabor do imediato e do momento; sem valores duradouros

**6.** o medo e o adiar das opções definitivas, sem compromissos sérios;

**7.** o uso imoderado, indiscriminado, acrítico e desacompanhado dos meios de comunicação social;

**IV.** “Para amar, à maneira de Deus, é necessário viver n’Ele e viver d’Ele. Deus é a primeira «casa» do homem, e somente quem nele habita, arde com o fogo da caridade divina” (Bento XVI). Pensemos em algumas formas de empobrecimento espiritual, que enfraquecem a vivência cristã e a resistência da família aos riscos da cultura atual:

**1.** o descuido da oração pessoal, conjugal e familiar;

**2.** a indisponibilidade para a escuta e reflexão da Palavra de Deus;

**3.** a falta de participação nos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia;

**4.** o desrespeito pelo Domingo, como dia da pessoa e da Família: dia do repouso, da alegria, da celebração de aniversários, do convívio, do diálogo entre os esposos e entre pais e filhos, da solidariedade (com os parentes doentes, com os mais idosos, com as famílias em dificuldades, com as famílias imigradas).

**5.** o desprezo pelo Domingo, como o dia da Igreja, que se reúne à volta da mesa da Eucaristia, para celebrar o dom da Vida de Cristo ao Pai por nós.

**6.** o desprezo pelo Domingo, como «o dia da Igreja Doméstica» em que são purificados e reforçados os laços do amor e da unidade familiares;

**7.** o desinteresse pelas atividades pastorais da comunidade: catequese, educação da fé, obras sociais e de caridade.

**Papa Paulo VI,**

**Alocução em Nazaré**

Nazaré é a escola em que se começa a compreender a vida de Jesus, é a escola em que se inicia o conhecimento do Evangelho. Aqui se aprende a observar, a escutar, a meditar e a penetrar o significado tão profundo e misterioso desta manifestação do Filho de Deus, tão simples, tão humilde e tão bela. Talvez se aprenda também, quase sem dar por isso, a imitá-la. Aqui se aprende o método e o caminho que nos permitirá compreender facilmente quem é Cristo. Aqui se descobre a importância do ambiente que rodeou a sua vida, durante a sua permanência no meio de nós, os lugares, os tempos, os costumes, a linguagem, as práticas religiosas, tudo o que serviu a Jesus para Se revelar ao mundo. Aqui tudo fala, tudo tem sentido.

Aqui, nesta escola, se compreende a necessidade de ter uma disciplina espiritual, se queremos seguir os ensinamentos do Evangelho e sermos discípulos de Cristo.

Quanto desejaríamos voltar a ser crianças e acudir a esta humilde e sublime escola de Nazaré! Quanto desejaríamos começar de novo, junto de Maria, a adquirir a verdadeira ciência da vida e a superior sabedoria das verdades divinas!

Em primeiro lugar uma **lição de silêncio**! Oh se renascesse em nós o amor do silêncio, esse admirável e indispensável hábito do espírito, tão necessário para nós, que nos vemos assaltados por tanto ruído, tanto estrépito e tantos clamores, na agitada e tumultuosa vida do nosso tempo! Silêncio de Nazaré, ensina-nos o recolhimento, a interioridade, a disposição para escutar as boas inspirações e as palavras dos verdadeiros mestres. Ensina-nos a necessidade e o valor de uma conveniente formação, do estudo, da meditação, da vida pessoal e interior, da oração que só Deus vê.

**Uma lição de vida familiar**. Que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu caráter sagrado e inviolável; aprendamos de Nazaré como é preciosa e insubstituível a educação familiar e como é fundamental e incomparável a sua função no plano social.

**Uma lição de trabalho**. Nazaré, a casa do Filho do carpinteiro! Aqui desejaríamos compreender e celebrar a lei, severa mas redentora, do **trabalho humano**; restabelecer a consciência da sua dignidade, de modo que todos a sentissem; recordar aqui, sob este teto, que o trabalho não pode ser um fim em si mesmo, mas que a sua liberdade e dignidade se fundamentam não só em motivos económicos, mas também naquelas realidades que o orientam para um fim mais nobre. Daqui, finalmente, queremos saudar os trabalhadores de todo o mundo e mostrar-lhes o seu grande Modelo, o seu Irmão divino, o profeta de todas as causas justas que lhes dizem respeito, Cristo Nosso Senhor.

(Das Alocuções de Paulo VI, Papa, Alocução em Nazaré, a 5 de janeiro de 1964; cf. Liturgia das Horas, Ofício de Leitura da Festa da Sagrada Família).

**O Milagre do Natal**

**1**. Lê-se em As portas da floresta, de Elie Wiesel, que quando o grande Rabbi Israel Baal Shem-Tov via a desgraça a ameaçar os judeus, costumava dirigir-se a um determinado lugar na floresta para meditar. Quando lá chegava, acendia uma luz e dizia uma oração apropriada; o milagre realizava-se e a desgraça afastava-se. Mais tarde, quando a desgraça voltava a ameaçar, o seu célebre discípulo, Magid de Mezeritch, dirigia-se para o mesmo lugar, na floresta, e dizia: «Senhor do universo, escuta! Não sei acender a luz, mas ainda sou capaz de dizer a oração». E o milagre realizava-se outra vez. Mais tarde ainda, Rabbi Moshe-Leib de Sassov, para salvar uma vez mais o seu povo, dirigia-se para a floresta e dizia: «Não sei acender a luz, não sei a oração, mas sei o lugar e isto será suficiente». Era suficiente, e o milagre voltava a realizar-se. Aconteceu depois vir a desgraça sobre Rabbi Israel de Rizhin. Este sentou-se na sua cadeira de braços, pôs a cabeça entre as mãos, e falou a Deus: «Já nem sequer sei encontrar o lugar na floresta. Tudo o que posso fazer é contar a história, e isto deve ser suficiente». E era suficiente.

2. A história de Elie Wiesel falava da realização fácil de um milagre que tinha a ver apenas com saber um lugar, acender uma luz, dizer uma oração. Mas falava também de como, pouco a pouco, de geração em geração, se foi perdendo sucessivamente a ciência de acender a luz, de dizer a oração, de saber o lugar, tendo ficado apenas a história que se contava. E o certo é que bastava contar a história para que o milagre se repetisse.

3. A história de Elie Wiesel pode aplicar-se ao nosso Natal deste ano de 2007. Todos fazemos uma festa em nossa casa, montamos um presépio ou colocamos uma árvore iluminada à janela ou no jardim, fazemos muitas compras, gastamos muito dinheiro, oferecemos e recebemos muitas prendas, e por toda a parte há mais música e luz. Mas, se já não sabíamos o lugar, nem acender a luz, nem dizer a oração, parece-me agora que uma parte significativa desta geração também já nem sequer sabe a história ou rapidamente a começa a esquecer.

4. Estaremos perante um grande empobrecimento cultural e espiritual se amanhã as crianças começarem a pensar que o Natal é só compras e prendas, e já nada souberem do menino nascido em Belém há 2000 anos e que veio realizar a maior revolução de que há memória no coração da humanidade. Se nós já não sabemos contar a história, haverá com certeza cada vez mais só compras, prendas, doces e sorrisos, e pais-natais nos hipermercados, mas o milagre não acontecerá. E Natal sem milagre, que Natal é?

5. Pais e mães, não vos limiteis a comprar, comprar, comprar. Contai a verdadeira história do Natal aos vossos filhos, para que haja milagre em vossas casas. Em vós e neles. Vereis que é tão fácil e muito mais bonito.

É outra vez Natal é outra vez a hora

De salvar o que resta do tesoiro

Que Deus depositou há dois mil anos

No coração dum menino imorredoiro.

Apressa-te menino e cresce devagar

Das tuas mãos pequenas e abertas

O testemunho do amor há de passar

Às nossas velhas mãos que tu apertas.

António Couto

**DECÁLOGO PARA BEM ENVELHECER**

1. Ama a vida, de cada dia, até ao fim dos teus dias, na esperança viva da Vida que não tem fim.
2. Mantém desperto o grande tesouro da tua memória: *o agradecimento*. Recorda, agradecido e vive agradecendo. Recorda com gratidão, e sem ressentimento, o teu passado. Recorda os teus momentos de riso e de pranto, de cómico e de dramático. Em vez de chorares os anos passados, vive sempre contente, simplesmente pelo milagre de estares vivo.
3. Aprende a rires de ti mesmo, a aceitares, com humor, as tuas falhas, os teus defeitos, os teus sonhos que ficaram por realizar. Deixa crescer em maturidade e em doçura os frutos da tua existência, para que nada aí se misture de ácido ou de amargo. Não leves tudo demasiado a sério. Até Deus sorrirá das tuas desventuras. Tem confiança: Deus penetra na tua vida, pela brecha das tuas fragilidades.
4. Não penses que és insubstituível, onde quer que seja. É uma tolice julgares-te indispensável. A sabedoria, a paciência e a prudência, são virtudes que mais podes cultivar e partilhar com os outros.
5. Avança, apesar do peso da idade e das doenças. E não passes a vida a queixar-te, nem a molestar os outros, com as tuas maleitas. Se te falta a vista, sobrar-te-á tempo para refletires e a noite em pleno dia, será ainda mais longa para pensares na vida. Se te falta o ouvido, será maior o teu sossego. Se te faltam as pernas, será mais curto o teu caminho. A velhice não é um peso. É uma dignidade.
6. Mantém o teu espírito ativo. Aproveita o tempo que te sobra para a oração, a meditação, o recolhimento, se possível, para a leitura, para o convívio, de modo que o espírito forte vença a carne fraca.
7. Ajuda naquilo que puderes. Colabora com os teus filhos, na educação dos netos. Aceita o passar dos anos a pensar mais nos outros, do que em ti. Muda o que deve ser mudado. Aceita o que não pode ser mudado. E cultiva a sabedoria de distinguires uma coisa da outra.
8. Aprende a desligares-te progressivamente das coisas e dos afazeres. Saberes retirar-te na hora certa é uma virtude da sabedoria. Recuar não há de ser, para ti, uma humilhação. É como o movimento das águas de uma maré, que recuam, para deixar ver os tesouros que as águas cobriam;
9. Sê testemunha e guardião da tradição, transmitindo aos mais novos, saberes e sabores mais antigos; partilha com os teus descendentes a alegria serena da tua fé, a confiança segura da tua esperança na ressurreição, o amor pela tua terra e pela Tua Igreja.
10. Acolhe a Tua morte, como um regresso feliz ao seio materno de Deus, como uma abandono confiante àquela Vida plena que não tem fim. Alegra-te: não estás mais perto do fim. Estás mais perto de Deus. Estás no limiar do mistério. Mantém-te atento, vigilante, em expectativa, aguardando em jubilosa esperança a Promessa da Vida e do Amor, que não acaba nunca.

Padre Amaro Gonçalo

**ORAÇÃO DOS IDOSOS**

1. “FELIZES

os que sabem respeitar

os meus pés vacilantes

e as minhas mãos trôpegas…

**2.** FELIZES os que compreendem o esforço

que meus ouvidos têm de fazer

para captarem o que me dizem…

**3.** FELIZES os que mostram perceber

que a minha vista já está cansada

e que é vagaroso o meu raciocínio…

**4.** FELIZES os que me olham com um sorriso

e param um pouco a conversar comigo…

**5.** FELIZES os que nunca me dizem:

“é já a terceira vez, hoje,

que me conta essa história…”

**6.** FELIZES os que sabem levar-me

a evocar recordações agradáveis

dos tempos passados…

**7.** FELIZES os que me fazem sentir

que ainda sou querido e respeitado

e que não me deixam só…

**8.** FELIZES todos aqueles

que, pela sua bondade,

tornam mais leves e suaves os dias

que ainda me faltam

para chegar à CASA DO PAI…”

**APONTAMENTOS A PARTIR DO EPÍLOGO DO LIVRO DE**

**J. RATZINGER-BENTO XVI,**

**Jesus de Nazaré, A infância de Jesus,**

**Ed. Principia, 2012, 101-106**

1. De algum modo, o episódio dos três dias de sofrimento, pela ausência de Jesus, liga bem a sua primeira páscoa com os pais, à última Páscoa, em Jerusalém, com os discípulos! Em todo o caso, não se trata aqui de um aumento anormal, de um crescimento súbito do menino, pois – como refere o evangelista - “Jesus *ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens*”, (Lc 2,51-52).

**2.** “*Filho, porque nos fizeste isto? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*” (Lc 2,48)*.* Um dia para lá, outro para cá, numa busca até encontrar Jesus, ao terceiro dia. São três dias de angústia e de sofrimento, por causa da ausência de Jesus, dias de uma escuridão, cuja gravidade se sente nas palavras da Mãe. Três dias, que nos reportam à mesma ausência de Jesus, entre a Cruz e a ressurreição.

**3.** “*Como? Andastes à minha procura? Não sabíeis onde deve estar um Filho? Não sabíeis que deve andar na casa e nas coisas do Pai? (Lc 2, 49).* Uma resposta que nos diz duas coisas: a primeira, é a afirmação por parte de Jesus, da sua filiação divina, como se dissesse a Maria e a José: “*Eu estou com o Pai. O meu pai não é José, mas um Outro: o próprio Deus. A Ele pertenço. Com Ele estou*”. A segunda coisa que fica clara é que Jesus não é um adolescente, que está no Templo, como um rebelde, contra os pais, a quem aliás, permanecerá submisso em Nazaré. Jesus não é um revolucionário, que pretende afirmar a sua liberdade, descartando-se de todos os vínculos. Não. A sua liberdade não é a de um liberal, mas a do Filho. É a liberdade d’Aquele que está totalmente unido à vontade do Pai e ajuda os homens a alcançar a liberdade da união interior com Deus. Esta obediência deverá levá-l’O a entregar-se livremente, na Cruz, por nós.

**4.** *“Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse (…) sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc.2,50.51).* Na verdade,“a palavra de Jesus é grande demais, por essa altura. A própria fé de Maria é uma fé, «*a caminho*», uma fé, que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer. Maria não compreende as palavras de Jesus, mas guarda-as no seu coração, onde as faz chegar lentamente à sua maturação. As palavras de Jesus nunca cessam de ser maiores do que a nossa razão; superam, sempre, de novo, a nossa inteligência. Temos sempre a tentação de as reduzir e manipular, para as fazer entrar na nossa medida. Mas o que se nos pede é a humildade da fé, capaz de respeitar esta grandeza (…). Crer significa submeter-se a esta grandeza, e crescer, pouco a pouco, rumo a ela. Nisto, Maria é deliberadamente apresentada por Lucas como aquela que crê, de modo exemplar: “*Feliz és Tu porque acreditaste*” (Lc.1,45) mas também como “*Aquela que guardava todas as palavras no seu coração*” (Lc.2,19.51). Assim, Maria aparece-nos não só como a grande crente, mas também como a imagem da Igreja, que guarda a Palavra no seu coração e a transmite”.

**5.** “Também é importante aquilo que Lucas diz acerca do crescimento de Jesus não só em idade, mas também em sabedoria. Por um lado, na resposta de Jesus com 12 anos, tornou-se evidente que Ele conhece o Pai – Deus – a partir de dentro. Só Ele conhece Deus, e não através de pessoas humanas que dão testemunho d’Ele – reconhece-O em Si mesmo. Como Filho, encontra-Se diretamente com o Pai; vive na sua presença; vê-O: Jesus está com o Pai, vê as coisas e os homens na sua luz. No entanto, é verdade também que a sua sabedoria cresce. Enquanto homem, Jesus não vive numa omnisciência abstrata, mas está enraizado numa história concreta, num lugar e num tempo, nas várias fases da vida humana, e de tudo isto toma forma concreta o seu saber. Manifesta-se aqui, de modo muito claro, que Ele pensou e aprendeu de maneira humana. Concretamente, torna-se evidente que Jesus é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, como exprime a fé da Igreja. As duas dimensões, humana e divina, permanecem um mistério” (Ibidem, 106) para acolher no coração da fé!

**6.** Um último ponto mais prático: a família de Jesus era piedosa; observava a lei e todos os anos iam em peregrinação a Jerusalém. A Sagrada Família fazia parte de um Povo, constantemente em peregrinação, o mesmo é dizer, um povo que se sabe, sempre a caminho: a caminho do Templo e a caminho do seu Deus. Fazem parte de uma caravana, de uma “*comunidade de caminho*” (synodia).

1. **Nota do Diretório Homilético, n.º** 122, **sobre a 2.ª leitura:** A compreensão do sentido cristão da vida familiar ajuda o homileta a explicar a leitura tirada da Carta de São Paulo aos Colossenses. O preceito apostólico, segundo o qual a mulher deve estar submissa ao marido, pode ferir a sensibilidade dos nossos contemporâneos; se o homileta achar que não deve falar dessa norma, seria mais prudente recorrer à versão breve da leitura (…) A referência a um texto semelhante, da Carta de São Paulo aos Efésios (5,21-6,4), permite aprofundar o seu significado. (…) Por outras palavras, a submissão recíproca na família é uma expressão do discipulado cristão; o lar da família é, ou deveria tornar-se, um lugar onde manifestamos o nosso amor a Deus, sacrificando as nossas vidas uns pelos outros. O homileta pode lançar o desafio aos ouvintes para que realizem nas suas relações esse amor de auto-oblação, que está no coração da vida e da missão de Cristo, celebrado na “refeição familiar” da Eucaristia. [↑](#footnote-ref-1)
2. Seguimos aqui, de perto, JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA © SNPC | 14.11.13. Algumas bem-aventuranças foram desenvolvidas com textos do Papa Francisco, especialmente a partir do seu *Discurso às família*s,26 de outubro de 2013. [↑](#footnote-ref-2)
3. Para estes e outros dados, consultar [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) [↑](#footnote-ref-3)
4. Cf. FREI BENTO DOMINGUES**,** *A família, uma felicidade controversa***, i**n Público, 24.11.2013; [↑](#footnote-ref-4)
5. Seguimos aqui, de perto, JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA © SNPC | 14.11.13. Algumas bem-aventuranças foram desenvolvidas com textos do Papa Francisco, especialmente a partir do seu *Discurso às família*s, *26 de outubro de 2013.* [↑](#footnote-ref-5)